

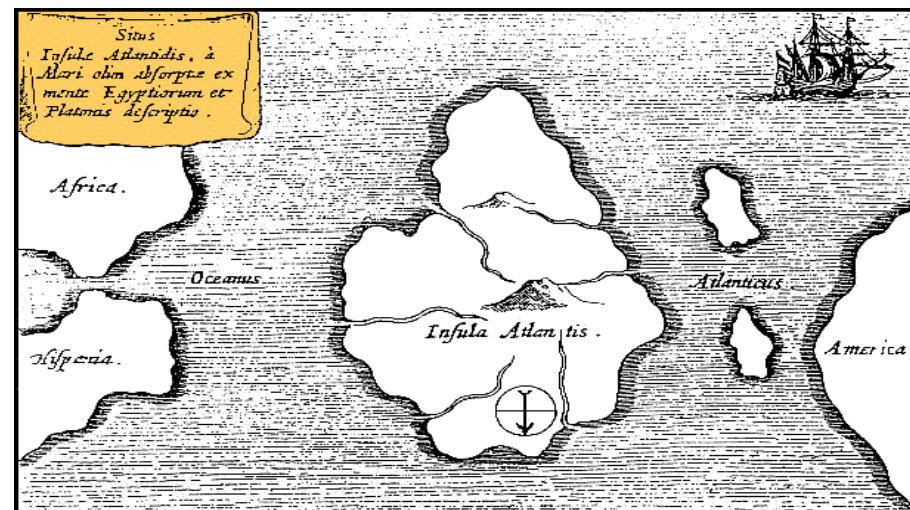


COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

## CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 7 nov<sup>o</sup> 2010

FERNANDO AIRES



Todas as edições em [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)

Editor: **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello coordenou esta edição)  
Coordenadoras **Helena Chrystello / M<sup>a</sup> do Rosário Girão dos Santos**  
Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde 2009



Editado por ©™®  
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos cadernos, Chrys Chrystello

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia ou pelos seus participantes.

---

Fernando Aires nasceu em Ponta Delgada (Açores) a 18 de fevereiro de 1928 e ali faleceu a 9 de novembro 2010. Depois da Escola Primária, frequentou o Liceu Antero de Quental na mesma cidade entre 1940-1947, onde completou o Curso Complementar de Letras Matriculado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas.

Professor efetivo no Liceu Antero de Quental, cumulativamente orientou estágios pedagógicos durante vários anos e lecionou a cadeira de Psicopedagogia na Escola do Magistério Primário de Ponta Delgada. Com a fundação da Universidade dos Açores em 1974, ingressou nesta instituição. Aposentou-se na situação de assistente-convidado da Universidade dos Açores, cargo que exerceu de 1975 a 1994.

Pertenceu ao grupo que, nos anos 40, fundou o Círculo Cultural Antero de Quental, destinado a introduzir o Modernismo nos Açores, com Eduíno de Jesus, Soares de Albergaria, Eduardo Vasconcelos Moniz, Carlos Wallenstein e outros.

De 1978 a 1989, fez parte da **Direção** do Instituto Cultural de Ponta Delgada. Está representado na Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa, onde colaborou desde 1993.

Leitor de clássicos e modernos, viria a publicar um diário em 5 volumes que intitulou de “Era Uma Vez o Tempo” que obteve largo reconhecimento junto dos ilhéus e de alguma crítica especializada em Portugal e nos EUA. Na ficção publicou dois volumes de Contos “Histórias Do Entardecer” (1988) que ganhou o primeiro prémio do Concurso Literário dos Açores/88.

Publicou ainda “Memórias Da Cidade Cercada” (1995) e a novela “A Ilha Do Nunca Mais” (2000) que confirmaram as suas qualidades de prosador.

---

## 1. Cristóvão de Aguiar escreve sobre Fernando Aires

**Novembro, 23, 1993** – Da livraria *Finisterra* trouxe livros que não tinha em mente comprar. O costume... *Escritas de Além-Atlântico*, de Mayone Dias, professor aposentado de Literatura Portuguesa da Universidade de Los Angeles.

Nele se reúnem artigos e comunicações sobre autores da diáspora açoriana. Interessante e original verificar que o ensaio, *Quatro Vozes Açorianas na Novelística das Guerras Coloniais*, comunicação apresentada na Maia, num dos congressos hilariantes dos literatos das Ilhas, e publicado, em primeira mão, na *Revista Açoriana*

de *Cultura*, passou, no livro, a *Uma Voz Açoriana na Novelística das Guerras Coloniais*.

Apenas figura o escritor José Martins Garcia, professor na Universidade dos Açores e antigo Leitor de Português na Brown University. Excluídos: João de Melo, Cristóvão de Aguiar e Álamo Oliveira... O outro livro que trouxe: o terceiro volume do diário de Fernando Aires, *Era uma vez o Tempo*, prefaciado por Onésimo Almeida. Já iniciei a leitura e não desgostei.

Para o autor do prefácio, Fernando Aires descobriu a pólvora da escrita diarística: considera-o o melhor de todos os que em Portugal já ousaram escrever diário... Muito se aprende... Recompensado me senti após a leitura integral, de um só fôlego, do livro ontem adquirido, este de propósito, de David Mourão-Ferreira, *Jogo de Espelhos*.

Dois livros juntos de máximas ou aforismos, daí o jogo de espelhos. O primeiro intitula-se *Da Sedução e das Sedutoras* e o segundo *Autorretrato*. Com um sabor oriental de Omar Kayan, Mourão-Ferreira atinge uma invulgar beleza e contenção de linguagem dignas de um Mestre que se movimenta numa atmosfera que lhe é familiar.

A escrita, enxuta e precisa até ao milímetro, está paredes-meias com o seu trabalho poético. Um breve excerto de cada um dos livros: “A sedutora, quando envelhece, é como a água parada de certos tanques: sob o Sol ou sob a chuva, ainda orgulhosa de ser água”. E este outro de *Autorretrato*: “Nas horas de maior solidão, uma filha que nasceu morta é quem vem às vezes fazer-lhe companhia”...

**Coimbra, 29 de novembro de 1993** – Todo o dia na escrita! Rendeu-me pouco. Neste negócio não interessa o lucro. Nunca está em proporção com o esforço despendido. Fico embebido no que faço. Esqueço-me. Deve ser detestável a sensação de afogamento dos jornalistas. Não gostava de ser profissional da escrita. Já devo ter dito isto. O que não significa que não reconheça que haja escritores a quem essa situação assentaria bem. Que sejam os outros profissionais das letras! Fico-me pelo amadorismo.

Cada vez gosto mais da nova reescrita do *Passageiro em Trânsito*. Sinto cá dentro uma voz rumorejando-me que deve ser o meu melhor livro. Sempre o disse, agora afirmo-o com outra convicção. Através da escrita enfronhei-me na Ilha. Por lá andei em cada frase lançada, em cada palavra escolhida: gostei da Ilha e da companhia. Ambas criadas à minha imagem e semelhança, como compete a todo o criador que se preza. À noite, extenuado de tantas sensações, fui jantar e desandei para casa. Mais uma sessão de Ilha até passante da meia-noite. Em leitura. O terceiro volume do diário de Fernando Aires. Estou a terminá-lo. Tenho lido devagarinho. Gosto de saborear. Descontando algumas páginas refogadas, estou contente por me estar agradando a leitura do diário. A Ilha ressuma de cada linha. A serra de Água de Pau tem estatuto de personagem. O mar também. Depois, a escrita é escorreita. Simples e muito atraente. Exprime com fidelidade o pensamento e o sentir do autor. Evoca muito bem o passado, por associação de sentimentos e de

ideias. A infância desempenha papel importante nessas viagens retrospectivas. Não, não se pense que mudei de opinião. Aconteceu que fiquei irritado com o prefácio. O livro não precisava de prelúdio. Miguel Torga espreita por trás de muitas páginas. Embora... O autor não esconde a sua admiração por ele. Cita-o muitas vezes. Ao contrário do autor do preâmbulo, que mostra claramente que dele não gosta. Está no seu direito e eu no meu de lhe aborrecer os dislates...

**Coimbra, 7 de fevereiro de 1994** – O comboio faz sempre os possíveis por não interferir na sequência dos pensamentos ou da leitura. É-lhe devida uma sobretaxa de alta velocidade para proceder assim... Por vezes, prevarica. Faz-se sentir em excesso com o seu peso bruto de ferragens e desliza sobre os carris quase por favor... O tempo pegajoso desce pelo corpo. A Ilha gosta de vir ter comigo pelo seu próprio pé. Ontem e anteontem apresentou-se-me de forma mais elegante e delicada através das páginas do diário de Fernando Aires.

Hoje tem-se-me abeirado de feição maçadora: descendo às cavalitas desta chuvinha irritante que se alastra em tinta sobre o mata-borrão da mente. Se não tivesse aulas... Apreciaria com mais alma a paisagem, enegrecida e molhada, que descortino pela janela. Um feriado interior! Preenchia-o todo. Continuava a ler prosa íntima, nem sempre excelentemente espelhada na literatura diarística. Em muitos desses feriados que por vezes me ofereço, gosto de visitar os diários de Miguel Torga, de Manuel Laranjeira, de Luísa Dacosta... *Ora, aqui está uma excelente sugestão: a releitura da diarística torquiana, após terminada a segunda leitura do livro de Fernando Aires. Delícia-te a besuntar-te de Ilha...* Pratico este exercício por necessidade. Gosto de me manter de cordão umbilical bem alimentado...

**abril, 7, 1994** – Acendi o aquecedor como nos enjeridos dias de inverno. Frio e chuva. Bom para ganhar solidão. Ou aquecê-la e secá-la ao borralho de um bom livro. Íntimo. Pedi ajuda aos dois diários que ontem me chegaram da Ilha. Não me deram a mão e fiquei mais desasado. Acho-os pobrezinhos, cheirando o seu tanto a mofo, por vezes a alheio, embora ainda não tivesse chegado ao fim do segundo volume. Nada que se compare com o terceiro que da mesma pena foi parido. Costuma acontecer assim. Não vale a pena criar ilusões. Sobretudo retroativas. Os momentos da vida são irrepetíveis, assim a criação literária. Com mais rigor talvez. Há um ou outro relâmpago feliz. Só isso. Ou sou eu então que me não encontro naquele estado de graça ou inocência propícia para receber a comunhão sem cometer pecado mortal. Mais logo vou fazer nova tentativa, a ver se com gosto me desdigo do que agora sinto. Ou me corrijo das emoções negativas. Sempre que bato ao ferrolho de Miguel Torga sou bem atendido. Nunca dele saio sem uma palavra a servir de penso a uma ferida mal cicatrizada, nem tão-pouco desiludido com a lição de estética da língua que me dá por quase cada palavra impressa. Um Mestre.

**abril, 8** – Dou gostosamente a mão à palmatória. Ainda que longe do sortilégio do último, o segundo volume do diário de Fernando Aires lá se aguentou a partir da

página oitenta. Ou então fui eu ou alguma coisa em mim que mudou. Reconciliei-me. Nestas divergências de humor existem inúmeros imponderáveis. Neste volume, há momentos bastante belos. Concluí há pouco a leitura e saí dela confortado com os sacramentos de que qualquer ilhéu tresmalhado precisa para ser ungido. Pelo menos no instante de agonia em que a Ilha se faz bolha insofrida e se empola nas paredes da memória. Nesse instante, passa ela sozinha a reinar e a doer-se dentro de fronteiras incomensuráveis... Pena a chusma de gralhas e de erros ortográficos que enxameiam o texto!

**Maio de 1996** – O quarto volume de *Era uma vez o tempo*, diário de Fernando Aires, talvez seja o melhor dos que lhe saíram da pena. A constante e trabalhada madureza de escrita que nele tem vindo a aprimorar-se de livro para livro (falo tão-só do diário, a parte *realmente* original), até atingir, neste, um invejável acume poético. Há uma semana, na Casa dos Açores de Lisboa, por ocasião do lançamento, Eugénio Lisboa, na magistral prática sobre literatura diarística, autobiográfica e memorialística, suas características, diferenças e afinidades, afirmou que o traço comum entre elas é ser o *eu* do autor o centro do universo, daí o cunho acentuadamente narcísico. Isto ajuda-me a responder a Eugénio Lisboa, que, a dado passo da sua intervenção, se referiu a Vergílio Ferreira diarista, dizendo que era preciso ser um escritor medular e modelar, incapaz de furtar-se ao apelo e ao império da escrita, para descrever, no diário, com minúcia de contabilista, a evolução de uma doença grave de que fora vítima um jovem afilhado muito querido... Quanto a mim, terá sido natural que, na quentura da refrega, a Vergílio Ferreira falecesse o ânimo para a escrita. A memória, porém, obra milagres e outros prodígios. O espanto de Eugénio Lisboa poderia sê-lo de outro leitor dotado de um mínimo de sensibilidade...

Ou o contrário: "Que monstro este escritor", *etcetera* e tal... Miguel Torga, o nosso maior diarista, ao referir-se à morte da Mãe, escreve no sexto dia da *Criação do Mundo*: "Fui encontrá-la morta, já no caixão, só à espera de mim para partir. Cuidei que me estalava a alma. Era uma angústia funda, dilacerante, que tentava em vão anestesiar com cigarros...]. O mais trágico é que, apesar de crucificado, nem assim o poeta emudeceu. Quando dei conta, batia-me nos ouvidos um poema imperioso (...). Ao rascunhá-lo num papel molhado de lágrimas até tive medo de mim. Que monstro era eu, afinal, que mesmo em semelhante momento me deixava arrastar pela sedução de um verso"? (...). O poema, publicado no *Diário IV*, tem data de 1 de junho de 1948, consiste em quatro estrofes, sendo as últimas duas as mais trágicas: *Chamo aos gritos por ti – não me respondes./Beijo-te as mãos e o rosto – sinto frio./ Ou és outra, ou me enganas, ou te escondes/Por detrás do terror deste vazio./Mãe:/Abre os olhos ao menos, diz que sim! /Diz que me vês ainda, que me queres./Que és a eterna mulher entre as mulheres./Que nem a morte te afastou de mim!* Quem sou eu para contrariar ou desconfiar sequer da palavra sagrada de um Poeta? Por vezes, contudo, há pequenas armadilhas, inofensivas, que vêm pôr a nu que determinado passo de um diário pode não ter sido escrito na data lá posta, nenhum mal vem, por isso, ao mundo. O próprio Miguel Torga escreveu, no *Diário II*, um curto texto numa data inexistente: 29

de fevereiro de 1942, ano comum e não bissexto... Só conta o que vem lá escrito! Escreve-se também de memória, o primeiro rascunho, ou tira-se um pequeno apontamento – basta por vezes uma só palavra a servir de isco à memória para iluminá-la.

Depois, com paz e sossego, compõe-se a prosa, o poema ou o poema em prosa, como se o autor estivesse vivendo no ápice do instante... O fingimento próprio do poeta, que Pessoa sintetizou luminosamente na quadra que toda a gente conhece de cor e salteado... No sábado de manhã cedo, ao ler chorando certos passos do quarto volume de *Era uma vez o tempo*, sobretudo aquele em que o escritor evoca o Liceu (tem *aquela Casa como um bem de família*), logo se me acendeu, nas lágrimas, um súbito clarão – e principiei, naquele mesmo lance, a escrever o que aqui ficou lavrado. Neste momento apenas burilo o texto com o meu nervoso vagar... O primordial, porém, pertence àquele instante suspenso, podia datá-lo daquele dia que lhe ficava a preceito...

O velho palácio onde pela primeira vez entrei em julho de 51 para prestar provas do exame de admissão, continua cheio de tempo e de pessoas que já não há, o grande mal, tanto mais trágico porque sem remédio. Quando ali entro, só pressinto fantasmas, escuto passos e vozes perdidas no tempo e no espaço... Sobre ele já escrevi com muita emoção algumas páginas de prosa que li numa sessão de antigos alunos, em 1991. Ocorreu no ano do centenário da morte de Antero de Quental e do nascimento de Armando Côrtes-Rodrigues. Aquele palácio, com o recheio humano que nele oficiava, de tal forma me ficou incrustado na mente, que ainda hoje sonho com ele e quase se não passa dia em que nele não pouse o pensamento. Poderá ser obsessivo, concordo, mas não tenho culpa... Pode também significar que ainda não encontrei uma escola que se lhe possa comparar. Plantado num tempo onde o sonho desabrochava de par, e com a mesma pujança, com o buço e outros sinais exteriores e interiores de se ir botando vulto (o ofício de crescer tem muito que se lhe diga), tudo à custa de muita dor e emoção, medos miudinhos, frustrações e algumas alegrias... Tudo gravado a ferro quente. Nunca poderia ter sido lá professor, sinto-o como se passasse a mão num corrimão de lâminas. Dou-me mal com fantasmas, embora me persigam em procissão, como os mortos aos vivos em *Os dados estão lançados*, de Jean-Paul Sartre, narrativa que me deliciou há trinta anos...

Fernando Aires teve mais sorte, conseguiu ser mestre onde tinha sido aluno. O íntimo limpo das borras que me pintalgaram a alma, e seus arredores, com borrões indeléveis. Por que motivo me atrai tanto aquela casa? Talvez a coexistência do amor e do ódio, que Fernando Aires diz ser possível. Apesar de ele se ter transferido para a Universidade dos Açores e sido lá docente durante anos, dela não fala neste diário, e muito por alto nos outros... Não o marcou: a idade das primeiras descobertas tinha passado e o ferrete existente tão fundo que não consentia mais nenhum.

*Quando acordaste e te dei os bons-dias, principiando por te ler, em voz alta, aquela entrada de 1 de julho de 1995, bem sabes o que me aconteceu... Desmanchei-me em choro (já me tinha acontecido o mesmo da primeira vez que a lera, meia hora antes, se tanto, só que em espelhado silêncio vertido pela cara abaixo); da segunda vez, senti um nó crescendo na garganta, ouvia o som das próprias palavras, e não consegui levar a*

*leitura até ao fim. Chorar diante de uma obra de arte não é fraqueza, não estou a desculpar-me, mas um modo de se dizer, sem palavras, ou se elas falham, o quanto nos comoveu, ou então um hino de louvor e alegria, passe a contradição e tu compreendeste o motivo do meu ânimo ou desânimo...*

Natural e explicável que, na segunda leitura, me tivesse comovido nos mesmos passos, sem desmoronamento... Das partes de que gostara menos na primeira leitura, achei-as caducas na segunda, até saltei algumas (poucas), sobretudo as entradas que se referem aos livrinhos das glórias literárias da paróquia das letras açorianas. Pena ter continuado a bater nessa tecla, talvez por obrigação, com certeza por amizade, não duvido, pecha já vinda de trás, agora numa escrita requintada e escorreita. Só me refiro aos escritores da sacristia. Outros há, como Manuel Alegre, Eduardo Lourenço e Isabel Allende e o seu romance *Paula*, sobre os quais escreve com pertinência e beleza, sobretudo sobre a escritora da América Latina. Aquele codorniz cantando enquanto ele assistia, através da leitura, à agonia de Paula, é comovente, poética e emocionante, inventada para parecer tão verdadeira e natural! Ainda a respeito da paróquia literária, creio que os próprios contos de Fernando Aires incluídos no livrinho *Memórias da Cidade Cercada*, pouco ou nada vêm adiantar ao panorama geral da literatura de *significação açoriana*.

O diário, não! O melhor dos contos é o que sobre eles escreveu, na entrada de 25 de maio de 1995: “Comecei o dia com o sentimento de casa deserta, um buraco negro no sítio até agora habitado por toda aquela gente dos Contos que o editor levou consigo para Lisboa” [...]. Depois de enumerar com saudade algumas das personagens que os habitam, conclui: “Mais gente fica por dizer, porém, já basta de evocação de ausentes e da surdez em que ficou a casa depois que partiram”... O mesmo acontece quando mandou para o editor o terceiro volume do diário: “Lá seguiu o terceiro volume deste diário. Fui-me despedir dele ao correio e fiquei, de longe, a acenar-lhe como se acena a um filho”... Há quem diga que chove muito nos diários de Fernando Aires. É verdade. Chuva que não causa neurastenia ao leitor (quanta neura não deve ter sofrido o autor para fazer transparecer, na escrita, que a não tem!). Pelo contrário, traz sugestões de bem-estar, cai lá fora ou vem tocar na vidraça uma cantiga de ninar. No interior, o aconchego da casa, da música de Chopin (*Chopin é quase sempre esta chuva açoitada...*), de Beethoven, Mozart e de Zeca Afonso... *Apetece-me ficar em casa com Beethoven. Assim estou sozinho com um deus*, para Fernando Aires *a casa é um claustro onde fico a salvo dos perigos imprevistos da cidade...* Escritor aristocrata, não no sentido de pureza de sangue, mas no de uma certa nobreza de sentimentos nostálgicos, senhor uma escrita fidalga, confinado à sua torre de marfim, onde se deve falar baixo *para não alarmar* o silêncio, quer pôr *entre parêntesis o mundo de onde venho*, que mais não é do que o *ruído maciço da cidade*, os seus motores, e ambulâncias esganiçadas, e o trânsito caótico, *mas tudo se purifica nos bons ares da baía que nos traz os ventos do largo e a vista da serra, sempre bela e sempre diferente, como uma outra ilha a nascer todos os dias das ondas do mar. Foi por ela, pela serra, que hoje saí de casa a pé e fui até ao alto da Mãe de Deus. Ali eu tinha a certeza de descascar, como os répteis, a minha pele profanada durante a travessia da cidade cercada.* (...)

Prefere ouvir o silêncio dos melros, captar a mágica voz do vento e do mar da Ilha, procurar decifrar-lhes o oculto sentido... Escritor que alimenta a solidão ao mesmo tempo que dela se alimenta... Os seus diários são pouco habitados por gente. Os amigos de ofício e poucos mais. De pessoas sem condição quase não rezam eles. Só por evocação dos tempos da meninice, como Maria Cassota, que contava contos de bruxedos, ou o André Beliates, camponês, de que o escritor se lembra, *manhã cedo na Praça, o sacho às costas, o cigarro de palha na boca, à espera que o viessem apalavrar...* Quanto aos pescadores, *conversam com suas vozes rudes e perturbam um pouco o silêncio das acácias, o correr sereno das águas – aquele jeito de falar alto para se fazerem ouvir por sobre as tempestades...*

Os seus diários têm outros habitantes: pássaros entontecidos de luz, portadores de vozes. E sobre todos, o milhafre D. Fuas, já vindo do *Diário III*, plantas, flores e árvores: araucárias, sobretudo, o metrosídero, *ereto como um pescoço de girafa, nasce do muro do mirante, e eu pasmo da ousadia da árvore e assusto-me do futuro dela...* Que soberba página de prosa poética, datada da Galera, de 12 de junho de 1994! *Um metrosídero é uma coisa viva que não se parece com mais nada, uma árvore assim, como um imenso bosque de folhagem compacta, aveludada, pintada como as árvores de Fragonard [...] Coberto de púrpura na época própria, tem a importância de um cardeal, a majestade de um rei coroado e ungido – e a Ilha torna-se mesquinha para lhe servir de trono...* Depois, os cheiros: *porque sem o cheiro as coisas não são identificáveis...* Grande cronista da luz e da cor e dos cheiros: *do tempo findo, desprendem-se cheiros inconfundíveis...*

Eis os cheiros mais característicos: o da glicínia que me inundou o quarto logo de manhã, o da galinha assada com recheio, o das lajes da cozinha, o do alecrim, o do incenso, o do limoeiro, o da casa apodrecida de silêncio; o cheiro a ratos, a corpos que desabrocham, a emoções, a sonhos, a rapé, a gaveta velha, a trigo, a papoilas... A serra de Água de Pau, que também faz cordilheira com o meu coração, é cheirosa; o cheiro a plástico aquecido do CD-ROM, a manhãs orvalhadas, a sol nas figueiras; o cheiro acendido dos pinheiros, o cheiro a morte... Uma sinfonia de aromas e cores: a roxidão das glicínias, a cor da Páscoa, as penumbras, o malápio-rosa do pero; a luz e os seus reflexos sobre o mar, a Ilha, a serra; os dias empoeirados de cinza; a luz mística das alturas, a nascer dos prados, da erva dos prados, a esverdear o ar até às nuvens; a alfazema da luz da serra; luz tão da natureza da flauta... E por fim, as viagens. Duas. A Itália, de que resultou magníficos pedaços de prosa, aquele poema em prosa a Florença, uma verdadeira oração que nenhum deus desdenharia de ouvir de um dos seus mais fervorosos crentes: *Do alto, em Florença, mergulho os sentidos todos como no corpo de uma mulher sonhada. Firenze. Florença. Terra de flores, ó florida de graça. O senhor Dante seja contigo, e Donatello, e Miguel o Anjo, o Boccaccio, e o Médicis Lourenço o magnífico, protetor dos artistas. Bendito seja o teu nome entre as cidades, e benditos os frutos do teu ventre – Piazza della Signoria, a Ponte Vecchio, a Basílica de São Lourenço mais o seu claustro, o Batistério mais os seus portões de bronze. Santa Maria das Flores, rogai pelos que te fizeram bela, assim clara e sonora aos olhos dos*

*peregrinos. Amen!...* A segunda, à Nova Inglaterra, pátria segunda de muitos dos meus, que conheço de um conhecer antigo e revigorado por dezenas de viagens, que o diarista só viu pelo lado cor-de-rosa. Leem-se as respetivas entradas, todas soberbamente escritas, mas nenhum emigrante se encontra. Só os anfitriões e poucos mais. E nós, ilhéus, temos lá tantos milhares de irmãos de condição e de lava, massame deles, como sói dizer-se na Ilha... O outono em Vermont, *de cabelos ruivos e olhos de esmeralda*, é magnífico e está bem pintado pelo escritor. Como também *o ar fino a saber a frutos silvestres e maduros. Filtro mágico e invisível a filtrar o Sol. A derramar os rubros, a derramar o ouro em pó, os roxos, os brilhos mil da luz na sua glória de pintar de rubro e ouro e roxo as matas, as pedras, as tranquilas enseadas de rios e lagos puros e inocentes...* Tudo tão belo, mais belo do que a própria realidade, porque existe a mão recriadora do artista. (*Sabes o que me acudiu à lembrança? Lembras-te, no verão passado, quando tomavas banho, na cascata da Caldeira Velha da Ribeira Grande, com um grupo de colegas de Coimbra? O João Paulo a dizer: “Não quero acordar deste sonho”, e o Vítor Torres: “Vocês estão aqui num paraíso”, e a Ângela, e a Zé do Oliva e a Maria Alice, e as minhas sobrinhas, a Mónica e a Ema, todas pasmadas e sucintas com tanta beleza, vinham de olhos cheios da Lagoa de Fogo, que tinha mostrado tudo... Mal sabíamos o que nos esperava depois. Meu irmão Francisco ouviu todos esses louvores às harmonias da Natureza, e disse para consigo (contou-me depois): “Vou-vos mostrar o paraíso daqui a pouco...” Mais tarde, levava-nos, em comitiva, ao Caranguejo de Rabo de Peixe. Foi um soco seco na boca do estômago de toda a gente. Todas as ilusões caíram aos pés, como se toda a gente tivesse vomitado... Depois, passámos pela Cova da Moura, para completar o retábulo... Desmancha-prazeres, meu irmão? Longe disso. As pessoas vieram mais ricas da Ilha...)* Faltou a Fernando Aires um cicerone como o Francisco, que o levasse ao *Flint*, de Fall River e a outros *Caranguejos* e *Covas da Moura*, onde chafurdam muitos emigrantes... A Ilha. Sempre o mesmo fascínio de atração e repulsa. Sobre ela escreveu Fernando Aires, neste seu diário, uma frase que me arrepiou e me tem estado a bailar no pensamento desde que a li: *Se queremos salvar a vida, temos de voltar ao pequenino-vasto espaço de uma certa luz, do céu rente à terra, da safra dos ventos que chegam das distâncias do mar...* Ter-se-ia salvado o poeta? Ninguém se salva! A sua tenacidade e persistência na escrita límpida, leva a crer que sim. Está vivo (dom dos deuses), numa Ilha sozinha. Vivo e remoçado na escrita que arranca de si. Qual morte, qual carapuça! Eu gostava de voltar. Terei fundura de coração? E tu, meu bem? *Se queremos salvar a vida...* Conviver de perto com a infância é difícil... O poeta tem ali, ao lado, a velha casa *por detrás do portão de ferro, todo o tempo vestida de branco. As tranças, ao alto, toucadas de musgos que reverdecem para o lado da frescura. A data na fachada: 1883, já rasurada no segundo 8, na curva superior do segundo 8, que fica assim configurado como a cabeça de um inseto ou, se se quiser, como um inseto de corpo inteiro. Árvores de muita idade (...) desenharam-lhe na brancura, a cinza-claro, o recorte de galhos e folhas, e fica-se com a convicção de que o movimento que o vento lhes põe faz com que vão raspando a cal da parede e ajudando a envelhecer a fachada (...). Às vezes vou ali só para encostar o ouvido às janelas e ver se o coração ainda lhe bate e se conserva quente (...). Ouve-se perfeitamente, não é*

verdade? Bate há mais de cem anos – e eu devo ficar com um brilho nos olhos enquanto digo isto (...) certas casas ocupam na nossa vida o inestimável lugar do amor... O leitor também fica!

**junho, 9** – Carta da Maia, do escritor e amigo Daniel de Sá: *Claro que, entretanto, já li o teu livro. Como habitualmente, quando recebo um livro teu, interrompo todas as outras leituras para o ler até ao fim, e foi o que fiz com este. De um fôlego. Meu caro Cristóvão: nem aos amigos faço o sacrifício de ler um livro que não me agrada. Quando muito, uma leitura cruzada para descarregar a consciência. Mas a tua maneira de escrever seduz-me. Mesmo a primeira versão de Passageiro em Trânsito, de que tive o atrevimento de dizer-te por que não gostava dele, e tu a paciência ou humildade de não ficar ofendido, foi lido palavra por palavra e como tal saboreado. É que a tua escrita tem um ritmo e uma harmonia que são do melhor que existe na Literatura Portuguesa. Sem favor te digo que, depois de Carlos de Oliveira, poucos, muito poucos escritores portugueses escrevem ou escreveram de modo tão apaixonante, de tal modo que o que fica dito quase passa para segundo plano, tanto me agrada o modo como fica dito... Na mesma carta juntou uma circular que anda a enviar a todos os escritores cujos excertos de obras suas foram incluídos no livro comemorativo do Ano Internacional da Família, *Pai, A Sua Bênção!* com que a Secretaria Regional da Cultura quis assinalar o evento. Trata-se de uma catilinária ao Álamo Oliveira, organizador do volume, e também ao Vamberto Freitas, a este não sei por que motivo. Começa ele por discordar do título, que, na sua opinião devia ser *Papá s'abence, Mamã s'abence*, e explica desta maneira o seu ponto de vista: *Por razões óbvias, não concordo com o título, tanto mais que, a não ser Adão e Eva, Jesus Cristo e José Régio, "todos tiveram Pai, todos tiveram Mãe". A seguir, insurge-se contra o facto de lhe terem mudado a data do nascimento para 1951, quando nasceu em 1944. E diz que o erro foi maldade. O Álamo garante que a culpa não foi dele. Desconfio do Vamberto. O Cícero das Fontinhas, o Fernão Lopes da imigração californiana, deve ter ficado danado por não ter tido a sorte de estar no livro. Saiu-lhe só a terminação, puseram lá a Adelaide. Ele ter-me-á tirado do meio dessa excelente geração de 40, que é uma geração entre parênteses de ouro (o Cristóvão de Aguiar e o Emanuel Jorge Botelho), para que eu não seja lembrado em tão boa companhia. Mas está perdoado, porque não é mau rapaz, nem se poderia esperar muito mais de quem foi criado com leite das Fontinhas e acabou de crescer com Coca-Cola, cujo componente X consta ser mijo de burro com diabetes... E eu que julgava que era contundente demais com alguns escritores meus patrícos! Afinal, o Daniel de Sá também faz a sua perninha muito benfeita nessa tão melindrosa área! Mas ainda não é tudo. No que diz respeito à quantidade de escritores açorianos antologados escreve assim: *Fiquei espantado com a quantidade de escritores açorianos que houve e há, mesmo excluindo os naturalizados. Como somos o país do milhão em muitas estatísticas, qualquer dia dir-se-á que, entre prosadores, poetas e afins (incluindo jornalistas da Rádio e TV), somos um milhão...* E segue-se uma lista estatística do milhão de deficientes, do milhão de diabéticos, etc., etc., que existem no nosso país. Termina a circular com um *Post-Scriptum: Aviso à navegação*: Um Grito em Chamadas, do Cristóvão**

de Aguiar, é um título falso. Aquilo é uma escrita maviosa, musical, onde a surpresa de um arcaísmo ou regionalismo aparece no texto com a naturalidade de um diamante num anel de ouro. Ainda só li a terça parte, e só não vou mais adiantado na leitura porque a interrompi para escrever esta. Troca que não terá valido a pena, mas paciência... Estou menente com esta algazarra na capoeira das letras açorianas. Vá lá que não me posso queixar, até tive tratamento de luxo em todo este imbróglio!

in *Nova Relação de Bordo, Publicações D. Quixote, Lisboa.*

---

## 2. URBANO BETTENCOURT, Universidade dos Açores Fernando Aires e a geração de (19)40, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

Numa entrada do seu diário, com a data de 15 de fevereiro de 1998, escreveu Fernando Aires:

A rever fotografias de há quase cinquenta anos. O grupo do Jade em casa do António Canavarro, na Rocha Quebrada (Pópulo). Está o Jacinto Albergaria, está o Eduíno, o Eduardo Vasconcelos Moniz (o sujeito que o havia de assassinar ainda não tinha nascido). Estou eu. É o grupo fundador do Círculo Literário Antero de Quental que, pelos anos 40 (mais precisamente, 46), se arvorou em mentor do movimento modernista a introduzir na Ilha e se destinava, por definição, a acabar com o conservantismo que estagnava as letras açorianas.

Em 48 junta-se-nos o Carlos Wallenstein, o Ruy-Guilherme de Moraes, Mário Barradas, Machado da Luz, tudo rapazes frequentando ainda o Liceu de Ponta Delgada. José Enes, Dias de Melo., Madalena Férin, gente de nome feito, vêm dar credibilidade ao projeto. Naquele tempo vivia-se no Estado Novo. O que cheirava a novidade, cheirava a subversão, que era sinónimo de comunismo. Assim, éramos elementos suspeitos, «espíritos imbuídos de ideias perniciosas», como se dizia de nós. (1999: 62)

Não é de geração que nos fala o texto de Fernando Aires, apenas de grupo – a, que aliás, já se chamou o «grupo de Ponta Delgada», o «grupo d'A Ilha» (nome do jornal onde mais sistematicamente se manifestaram as suas intenções e intervenções estéticas), «grupo de 47» (Silveira, 1986: 40) ou mesmo o «grupo do Bar Jade», designação da preferência de Fernando Aires (1990: 27).

Na verdade, aquilo que em primeiro lugar se deteta é a existência de um grupo, entidade mais facilmente delimitável do que a de geração, conceito de contornos fluidos,

imprecisos por vezes, insuscetíveis de uma delimitação rigorosa a régua e esquadro. Se a idade pode ser um dos critérios para falar de geração, importaria definir a amplitude temporal que a circunscreveria, analisando ainda a noção pessoal de pertença ou não a uma geração; neste caso, entrariam em jogo fatores como afinidades ou proximidades estéticas, convergências ou divergências em relação ao grupo etário, ressaltando-se ainda o facto de que, mesmo dando sinais de vida pela década de quarenta, a nível da imprensa, esta geração só se afirma de forma definitiva em livro a partir do início da década seguinte.

Em todo o caso, o sentido de geração não era totalmente alheio à reflexão e à prática desses tempos.

A 27 de outubro de 1945, o jornal *A Ilha* trazia à esquerda da primeira página um *fundo* de Pedro da Silveira intitulado «Posição e ponto de partida duma geração». O texto de Pedro da Silveira não constituía um manifesto, mas procedia a uma análise do quadro histórico e social em que se situava uma geração, a sua, e das tarefas que lhe eram exigidas nesse contexto. A leitura de outros textos do autor vindos a público n' *A Ilha* permite-nos uma perspetiva mais abrangente dessa análise e dos vetores que a enformavam, nomeadamente o fim da segunda guerra e o triunfo da democracia sobre a irracionalidade, com o que isso criava de expectativas (goradas, como se sabe) de uma transformação política interna, no sentido de um outro modelo político e social.

E esse mesmo sentido de geração já tivera, em termos meramente literários, um afloramento anterior com a *Miscelânea de prosa e verso* editada em 1943 por Carlos Tomé. Aí se reúnem textos de Egito Gonçalves (precisamente um dos militares continentais expedicionários em S. Miguel), Gustavo de Fraga, J. M. Camilo de Melo, Lopes de Araújo, Lopes de Almeida, Raposo de Lima e Virgílio de Oliveira.

A breve nota de apresentação, não assinada, traz à consideração alguns aspetos da literatura na sua dimensão institucional ao referir a insuficiência da imprensa enquanto lugar onde os autores possam devidamente instituir-se como tais, ocupando o seu espaço público e de onde possam estabelecer um diálogo com o leitor: é um meio de comunicação fugaz, precário, que se esgota no próprio momento da publicação e traduz, além do mais, uma cedência do jornalista às expectativas e sobretudo ao gosto do leitor comum. Só o livro poderia fazer face a estas limitações, pelo seu carácter duradouro, não sujeito às contingências do tempo, aberto à comunidade de leitores presentes e futuros. Na perspetiva do seu editor, *Miscelânea* cumpria a missão de assinalar a presença da nova geração no mundo em preparação: «mensagem, embora modesta, da Mocidade de hoje ao Mundo de amanhã.» (Tomé, 1943: 6).

Em qualquer dos casos, e olhando para esses anos de 1940, o que importa ressaltar para lá de tudo é a existência de um conjunto de jovens (uns mais do que outros, biologicamente) que partilham um determinado momento histórico, têm em

comum um quadro de referências estéticas e literárias e o propósito de intervenção e de afirmação literária num espaço social e cultural (também geográfico) bem definido – e de que o referido texto de Fernando Aires dá conta.

Aos nomes referidos por este, acrescenta Eduíno de Jesus os de Fernando de Lima e Eduardo Bettencourt de Ávila, registando que outros que não pertenciam ao Círculo acabaram por integrar a sua roda literária, como por exemplo, Pedro da Silveira. Eduíno de Jesus traça ainda um quadro da arte e da literatura nos Açores nesses anos, ao mesmo tempo que desenvolve e aprofunda os propósitos do grupo:

«Os nossos objetivos eram, por um lado, acabar com o ostracismo a que estavam votadas nos Açores a literatura e as artes modernas, não obstante o prestígio que tinham nas letras (por se ignorar ou fazendo-se por ignorar a sua obra «modernista») autores como Armando Côrtes-Rodrigues e Vitorino Nemésio e o contributo dado à modernidade no campo das artes plásticas por Canto da Maia, Domingos Rebelo, Albuquerque Bettencourt, António Dacosta, e, por outro lado, encontrar, pela teoria e na prática a identidade (se a tinha) de uma literatura propriamente açoriana, seguindo o exemplo de Cabo Verde e na pegada de Roberto de Mesquita, Vitorino Nemésio, etc. Não foi fácil.

Naquele tempo, a palavra «Modernismo», nos Açores, ainda cheirava a enxofre e pronunciá-la era como anunciar a 8.ª praga do Egito, e quanto a ideias «nativistas», mesmo só no âmbito da Literatura, sustentá-las era concitar a suspeição de antipatriotismo, um pouco como hoje, é certo, mas com a agravante de que, naquela altura, se indistinguiam os conceitos de «pátria» e «Estado Novo», do que resultava as ideias «nativistas» serem tidas por abjurantes do tabeliônico «repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas». (1987: 3)

As referências de Eduíno são claras: a modernidade nas artes plásticas e na literatura, o exemplo (*a lição*, dirá Pedro da Silveira) colhido noutra espaço insular, o cabo-verdiano, a proposta de uma reflexão teórica que, acompanhando a prática literária, indagasse a possibilidade e os termos de uma literatura açoriana. Em suma, tratava-se de um projeto que articulasse as expressões estéticas da modernidade com uma reavaliação da tradição açoriana em várias dimensões (a poética de Mesquita e o enquadramento da literatura açoriana, uma questão que vinha já desde meados do século XIX e atravessava praticamente o século XX até àquele momento). Sob um outro ângulo, o que aí se configurava era a construção de um projeto cultural e literário assente numa dinâmica de exterior-interior, não numa atitude de simples imitação, mas de incorporação e transformação de acordo com as condições do próprio espaço, uma «poética da relação», para utilizar os termos de Edouard Glissant.

Aos modernismos português e cabo-verdiano, referidos por Eduíno, importa ainda acrescentar o modernismo brasileiro da Semana de Arte de 1922 como um dos *modelos* mais presentes no horizonte do grupo.

As águas literárias agitavam-se, mas é preciso ver que as coisas não começavam de modo abrupto (como os próprios intervenientes reconhecem).

Desde 1945, Pedro da Silveira (alguns anos mais velho) vinha marcando uma presença incisiva no jornal *A Ilha*, onde, a 14 de julho desse ano, inaugurara uma secção intitulada «Notas sobre Literatura Contemporânea», em que se ocupou da moderna literatura cabo-verdiana e do seu poeta Jorge Barbosa. Ao longo dos seis anos seguintes, Pedro da Silveira «visitou» com regularidade os escritores cabo-verdianos e publicou-os cá, alguns deles tendo-se mesmo estreado no jornal de Ponta Delgada.

Estava aí aquele que foi um dos principais campos de referência literária e sociocultural do grupo, em termos práticos e teóricos (ao lado do modernismo português de 1915 e do modernismo brasileiro de 1922). De resto, em mensagem eletrónica de 17.09.2006, o próprio Eduíno de Jesus se referia a este aspeto e ao papel desempenhado pelo cabo-verdiano João de Deus Lopes da Silva, comandante da marinha mercante e irmão do escritor Baltasar Lopes, que a bordo do seu navio reunia em tertúlia os jovens intelectuais de Ponta Delgada, sempre que por cá passava.

E quatro anos antes disso, já Ruy Galvão de Carvalho escrevia sobre a poesia modernista e sobre ela fazia palestras de «introdução», uma delas no liceu e em que se empenhara na demonstração de que a poesia modernista é uma poesia de inquietude metafísica de «consciencialização da vida interior». Ocupara-se explicitamente de Orfeu e da *Presença* e ilustrara as suas palavras com exemplos concretos, a tentar afeiçoar os «ouvidos burgueses dos tradicionalistas» (*A Ilha*, 1 de fevereiro de 1941, p. 2).

De resto, sobre o ambiente desses anos em Ponta Delgada, importa ter em conta o depoimento prestado a J. M. Tavares Rebelo pelo poeta português Egito Gonçalves, que, na sua condição de militar expedicionário, esteve em Ponta Delgada entre 1942 e 1944 e viria a reconhecer mais tarde a importância e o papel desse tempo na sua formação e mesmo no despertar da sua vocação literária:

---

<sup>1</sup> Em mensagem eletrónica que me enviou a 10 de março de 2012 (data do centenário de nascimento de Silva Júnior), escreveu Eduíno de Jesus: «Pelo Bureau do Turismo (não sei se se escrevia "tourismo", assim hibridamente), passavam, no tempo da 2ª Guerra, e ali se encontravam, os rapazes do 1º Grupo de *A Ilha* (o Egito Gonçalves, o Silva Duarte, o Vírgilio Filipe e outros), e às vezes também o Côrtes-Rodrigues e não sei se ainda o Ruy Galvão e o Diogo Ivens. Depois da dispersão deste Grupo com o fim da Guerra, o Grupo

Tive a sorte de ser "expedido" para S. Miguel onde me foi dado conviver com alguns dos escritores de Ponta Delgada. Estive ali dois anos e, transitando pela cidade, ou enchendo os olhos pelas estradas de Nordeste aos Mosteiros, frequentando o "Bureau de Turismo" que me fornecia as últimas novidades em livros, eu ia crescendo... (...) sei quanto devo, na minha formação, aos dois anos que ali passei...trouxe dos Açores um acréscimo de cultura, o interesse por coisas que antes desconhecia, e os olhos cheios de uma paisagem inesquecível. (Rebelo, 2001: p. 9)

E, dentre os seus mentores ou padrinhos literários, referia Egito Gonçalves os nomes de Armando Côrtes-Rodrigues, Diogo Ivens, Ruy Galvão de Carvalho e João da Silva Júnior<sup>1</sup>, que, não sendo um escritor, sempre esteve ao lado deles, enquanto divulgador atento das suas obras e livreiro que também era, mediante o seu Bureau de Turismo; viria depois a conviver com os jovens da geração seguinte, uns e outros convocados no seu primeiro livro, *Poema para os Companheiros da Ilha* (1950).

Sobre o sentido geral desse tempo, a sua dinâmica e a sua projeção, interrogava-se ainda Egito Gonçalves: "Sempre uma incógnita insolúvel me perturbou: se os acasos da sorte não me tivessem levado para Ponta Delgada, o que teria sido? Como poderia a literatura ter surgido, se surgisse?" (Rebelo, *ibidem*)

Apesar de o Bar Jade estar referenciado como o ponto de encontro ou de tertúlia do grupo, não há informação muito precisa sobre o seu «funcionamento», digamos assim. As referências que a ele faz Fernando Aires são meramente pontuais e falta-nos a evocação memorialista que poderia traçar-nos um quadro mais preciso do seu «ambiente», embora possamos admitir alguma atitude de hostilidade decorrente da atitude geral do meio cidadão que tanto Eduíno de Jesus como Fernando Aires anotam, respetivamente, na referida entrevista e no volume V de *Era uma vez o tempo*.

Ainda assim, um apontamento mais específico ocorre numa mensagem eletrónica de Eduíno de Jesus. A 27 de janeiro de 2006, e a propósito da passagem dos 250 anos do nascimento de Mozart, enviei a um grupo de amigos o poema «Mozart no céu», de Manuel Bandeira. E recebi em resposta o seguinte comentário de Eduíno de Jesus, que é também um depoimento geracional:

Manuel Bandeira é ainda hoje o "meu" poeta da saudade (a minha grande saudade!) da tertúlia do Bar Jade. Vocês, os rapazes de hoje, não podem ler os "modernistas" do 1º Modernismo português, o de 1915-17, ou do modernismo brasileiro da Semana de

que os substituiu n' *A Ilha* também aparecia no Bureau: o Pedro, eu e o Jacinto, o Fernando de Lima, etc. O Silva Júnior lá estava para nos aturar. Acho que merece ser lembrado. A História da Literatura moderna nos Açores passou pelo seu Bureau.»



Arte Moderna de 22, com a mesma emoção que nós, os rapazes de há 60 anos. Vocês já nasceram "modernos", não há extravagância estética que não seja familiar a vocês. Mas nós tínhamos nascido românticos (podíamos admitir no máximo as ousadias realistas de um Cesário Verde), quando, de repente, descobrimos Pessoa e o seu entourage paúlco-interseccionista-sensacionista/futurista. Foi o delírio! Os brasileiros vieram logo a seguir. Ler Bandeira em voz alta no Bar Jade e "gozar" o arrepio que isso fazia o auditório bufar, remexer-se nas cadeiras ou pagar a conta e ir bocejar para outro lado, era um prazer malévolo nosso que jamais foi possível sentir de novo depois desse tempo passado.

Qual o papel, o desempenho do «grupo do Jade», do Círculo Literário Antero de Quental?

Em primeiro lugar, o grupo deve ser avaliado por aquilo que foram as suas atividades (iniciadas efetivamente a partir de 1948) e as dos seus membros individualmente. E *A Ilha* constitui, neste aspeto, um bom repositório. Aí é possível encontrar o registo das Conferências promovidas pelo Círculo, os recitais de Carlos Wallenstein no Cine Jade e no Liceu, trazendo ao conhecimento do público micaelense a moderna poesia de língua portuguesa: lá estão, nos recitais de 19 e 23 de setembro de 1949, nomes como os de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Eugénio de Andrade, Vitorino Nemésio, Violante de Cisneiros - Armando Côrtes-Rodrigues, José Régio, Miguel Torga, os cabo-verdianos Manuel Lopes e Jorge Barbosa, o brasileiro Manuel Bandeira.

*A Ilha* é, no entanto, mais do que isso. Não poderá dizer-se que foi o porta-voz do modernismo, nunca o foi: nas mesmas páginas onde a poesia e a estética modernistas marcavam presença era possível encontrar a notícia de uma série de conferências a organizar pela Mocidade Portuguesa, e com a informação de que João Ilhéu faria um soneto alusivo ao tema de cada uma delas (faria... e fez mesmo e o jornal publicou alguns deles). Mas graças ao ecletismo e à tolerância do seu diretor José Barbosa, *A Ilha* tornou-se o local mais visível onde o modernismo pôde manifestar-se, um espaço aberto a outros jovens como Eduíno Borges Garcia e à colaboração diversificada que de Portugal chegava e aberto igualmente a discursos e universos de diferentes quadrantes literários e culturais, em especial os referentes a Cabo Verde, como se disse, e ainda ao Brasil e a Angola, no mundo de língua portuguesa.

É ainda o local privilegiado para observar o que foi nesses anos o esforço de renovação e também as resistências verificadas: aí está o fundamentado ensaísmo de

<sup>2</sup> Já depois de editada a separata, Borges Garcia publicou n' *A Ilha* (30 de janeiro de 1954) um quinto texto em que responde a dúvidas suscitadas pelos quatro primeiros.

<sup>3</sup> Eduardo Vasconcelos Moniz, «que se calou, mas nunca se desinteressou.» (Silveira, 1986: 42)

Eduíno de Jesus, as polémicas literárias entre antigos e modernos (mesmo entre alguns modernos como Jacinto Soares de Albergaria e Pedro da Silveira); aí está o eco dos pruridos moralistas provocados pela exposição de Victor Câmara, «o maior *sismo* artístico de que há memória nos Açores» (Jesus, 1987: 3) e que justificaram um ensaio de Eduíno de Jesus sobre o problema da moral na arte (10.6.1949); aí está, já por 1953, o debate motivado pelos quatro textos de Eduíno Borges Garcia reunidos posteriormente em separata sob o título de *Por uma autêntica literatura açoriana*<sup>2</sup> – uma proposta de reflexão que prolonga, noutro contexto histórico, ideológico, a atividade teórica que, desde meados do século XIX, tem vindo a ser feita em torno da literatura açoriana – e neste aspeto os artigos de Borges Garcia (mesmo lacunares do ponto de vista informativo) integram-se nitidamente nos propósitos do grupo.

Em segundo lugar, importaria referir que, mesmo indiretamente, se deve a um membro deste grupo<sup>3</sup> uma parte da divulgação e estudo da literatura açoriana no sul do Brasil, em especial do que se tem desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob orientação de Luiz António de Assis Brasil, conforme mensagem eletrónica do próprio (23.6.1999):

«Esquecia de dizer: conheci, pois emigrou para o Brasil e veio residir em Porto Alegre, o Eduardo Vasconcelos Moniz a que te referes a certa altura do teu livro [*O Gosto das Palavras III*]. Aqui, dedicou-se ao comércio. Tive com ele imensas conversas e foi ele quem me introduziu na literatura açoriana, despertando-me para nomes então desconhecidos, como Pedro da Silveira, Vitorino Nemésio, Roberto de Mesquita. (Eu tinha então 19 ou 20 anos). Emprestou-me o *Mau tempo no Canal*, que li de um só golpe, e, o que não entendi, ele me explicou. Li dele próprio alguns contos interessantes.<sup>4</sup>

Em terceiro lugar, é justo incluir nesta espécie de visão global a projeção do grupo em termos açorianos, traduzida na aproximação de outros autores ao grupo do Jade, como já Fernando Aires deixa ver na entrada do diário inicialmente referida e que Eduíno de Jesus, novamente, integra numa leitura abrangente:

«A geração a que pertenci só veio a adquirir dimensão verdadeiramente açoriana nos anos 50, quando convergiram no mesmo combate pela renovação estética e temática da literatura dos Açores, em que estávamos empenhados, autores como João Afonso, José Enes, Borges Garcia, Silva Greló [pseudónimo poético de Cunha de Oliveira], Coelho de Sousa, Tomás da Rosa, Dias de Melo, Madalena Férin, etc. (Jesus, 1987: 3)

<sup>4</sup> Luiz Antonio Assis Brasil deixou um depoimento mais extenso sobre o assunto em «De como conheci Pedro da Silveira», in SAAL, n.º 4, revista *Saber/Açores*, n.º 43. Ponta Delgada, junho 2 de 2003.

Finalmente, o papel do grupo, da geração, deve ser avaliado pelo futuro que veio a ser: a escrita e a atividade cultural de uns e outros, a poesia de Pedro da Silveira, Eduíno de Jesus e de Jacinto Soares de Albergaria, o diário e a narrativa de Fernando Aires, a narrativa de Fernando de Lima, de Eduíno Borges Garcia e de Eduardo Vasconcelos Moniz, a investigação dos dois primeiros deles e de Fernando Aires e de Borges Garcia, o ensaísmo e a crítica de artes plásticas por Eduíno de Jesus.

É certo que houve aqui diversos andamentos, para utilizarmos a gíria política em circulação: os que não se publicaram em livro, como Vasconcelos Moniz, ou que só postumamente foram editados como Borges Garcia, ou ainda o caso de Fernando Lima, cujos contos só tardiamente foram reunidos em livro – em contraponto aos que fizeram um percurso literário regular, mesmo que precocemente interrompido, como aconteceu com Jacinto Soares de Albergaria. Entre todos eles, o destino literário de Fernando Aires merece uma palavra especial, porque também me parecem especiais os traços que o configuram.

Em 1988, Fernando Aires tem sessenta anos. Por coincidência editorial, esse é o ano em que se estreia em livro de ficção com um volume de contos, *Histórias do entardecer* (premiado num concurso da Direção Regional da Cultura) e em que surge *Era uma Vez o Tempo*, que ficaria depois como o primeiro volume do seu diário<sup>5</sup>. Mesmo tendo publicado mais dois livros de ficção narrativa, Fernando Aires acabaria por ser reconhecido fundamentalmente como diarista.

Ora, há neste caso alguns aspetos peculiares a considerar: Fernando Aires não é um escritor com carreira feita, que faça do diário uma muleta ou que precise dele como arena para ajuste de contas com adversários, concorrentes e inimigos ou que se sirva do diário como vitrina para derrame e exposição das dores de umbigo e de cotovelo. Ou seja, o diário nasce como um projeto literário em si mesmo, trata-se de um *diário intransitivo*.

Numa outra perspetiva, refira-se que a primeira entrada do diário traz a data de 18 de dezembro de 1982, quando Fernando Aires já ultrapassara «o meio do caminho da nossa vida» – é um homem a quem a idade e a experiência proporcionavam um conhecimento do mundo e a sabedoria necessária para fazer contas ao tempo ido e abrir-se ao que lhe restava, no espaço concreto da ilha. Tudo isso confere a *Era uma Vez o Tempo* um timbre muito especial e o coloca num lugar de destaque na diarística nacional, como escreve Eugénio Lisboa num volume de conjunto dedicado a Fernando Aires e que constitui um olhar plural sobre uma obra também ela diversa e plural:

Os cinco volumes do seu diário ficarão, creio eu, como um dos melhores momentos da diarística nacional, ao lado dos de Raul Brandão, Miguel Torga, Vergílio Ferreira e Manuel Laranjeira. Pela sutileza e perturbada serenidade que o caracteriza, uma boa oitava acima destes. (Lisboa, 2011: 45)

Feito o desvio, regresso a essa geração de (19)40 para uma nota final e muito pessoal.

Vendo as coisas de um outro lado que é o meu (e na dupla perspetiva de quem escreve e se ocupa da escrita dos outros), direi que aquilo que desses tempos continua ainda a tocar-me de perto é a atitude de reflexão e prática que dialoga com a pluralidade das referências externas, sem complexos e sem a pretensão de pôr-se em bicos de pés para ser visto *lá fora*. A prática cultural e literária arranca sempre de um chão, sabendo que há mais mundo para lá do horizonte – a inteligência está em saber compreendê-lo, depois desconstruí-lo, reescrevendo-o ao serviço de uma *causa* que é a nossa. Esta será talvez a melhor lição transmitida pela geração de quarenta aos que vieram depois. É também a melhor lição que estes poderiam receber dos que vieram antes.

Entre o Bar Jade e o jornal *A Ilha* cabia, afinal, o mundo todo e arredores.

#### BIBLIOGRAFIA

- A Ilha*, 1 de fevereiro de 1941.  
Aires, Fernando (1990), *Era uma Vez o Tempo. Diário*, 2.º vol. Ponta Delgada, Instituto Cultural.  
Aires, Fernando (1999), *Era uma Vez o Tempo. Diário V*. Lisboa, Edições Salamandra.  
Jesus, Eduíno de (1987), Entrevista ao Suplemento «Quarto Crescente», n.º 153, jornal *A União*, 6 de fevereiro, p. 3.  
Rebelo, J. M. Tavares (2001), «O poeta que se formou na “Universidade de Ponta Delgada”», in *Atlântico Expresso*, 2 de julho, p. 9.  
Lisboa, Eugénio (2011), «Fernando Aires – um grande escritor açoriano», in Leonor Simas-Almeida, Maria João Ruivo Sousa e Onésimo Teotónio Almeida (orgs.), *Fernando Aires. Era uma vez o seu tempo*. Ponta Delgada, Instituto Cultural, pp. 45-46.  
Silveira, Pedro da (1986), «Aqueles anos de 1940 e tal», in Onésimo Teotónio Almeida (org.), *Da Literatura Açoriana – subsídios para um balanço*. Angra, SREC, (1986), pp. 31-42.  
Tomé, Carlos (ed.), (1943), *Miscelânea de prosa e verso*. Ponta Delgada, oficinas tipográficas do *Correio dos Açores*.

---

**3. Recensões - Era uma Vez o Tempo de Fernando Aires in**  
<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/recen061.htm>

---

<sup>5</sup> Seguir-se-iam mais quatro volume de *Era uma Vez o Tempo* (em 1990, 1993, 1997, 1999).

Sentia eu que teria de haver alguém que, atualmente, escrevesse um diário que não fosse um somatório de rancores género *Corta-corrente* ou uma fogueira das vaidades género *Cadernos de Lanzarote*; algo que fosse transparente, límpido, sem afetação, sem receio de dizer o quer que seja, sem pose para a fotografia, sem ódios literários, descontraído, que mostrasse a alma nas suas manifestações contraditórias. É aí que surgem os diários de [Fernando Aires](#). Afinal alguém escreve assim e é com alacridade que tomo conhecimento disso e leio e vivo a sensação de ter descoberto algo que faltava.

O diário é mais uma forma de conhecer-se a si mesmo do que dar-se a conhecer aos outros. A partir da leitura dos quatro volumes de diário de Fernando Aires, publicados até ao momento com o título genérico de [Era Uma Vez o Tempo](#), tomo conhecimento sobre pormenores relacionados com as vivências do autor: as viagens, a opinião sobre determinados acontecimentos nacionais e internacionais, as suas preferências literárias, as recordações da infância, o seu estado de espírito em determinado momento. Mas não saberia dizer, se me perguntassem, como é a personalidade de Fernando Aires sem errar. Quer dizer: há coisas que escapam à escrita e à leitura. E mesmo na literatura autobiográfica, considerada aquela que está mais próxima das vivências do escritor.

Por isso, formulo meras hipóteses. Da minha leitura, depreendo um Fernando Aires atento ao que o rodeia (veja-se a caricata situação quando do regresso a Portugal da viagem à Áustria quando pergunta às senhoras pelas cidades que visitaram e elas não sabiam); com uma sensibilidade fora do comum, em que o tempo atmosférico muito influencia o seu estado de espírito.

É um homem preocupado com as questões sociais, desde a pobreza, a indigência, até à questão da velhice e do abandono. É um homem de reflexão, que quer saber onde está e porque está, embora a resposta, se a houver, resida na morte, seres contingentes que somos. A contingência, aliás, é um dos temas que percorre toda a sua diarística. É um autor atento, que lê os clássicos e os seus contemporâneos, que tem a humildade de, mostrando-se a par, dizer-se inferior. Conhecedor da Bíblia, a questão religiosa é como um círculo que vai rodando qual sol de Josué. O Deus de Javé não é o deus do Fernando Aires, porque este não pode ver morrer os seus filhos de mãos nas algibeiras.

Fernando Aires escreve o diário desde 1982, o que leva a pensar se uma das razões de iniciar a aventura da escrita autobiográfica não terá sido a publicação por essa altura dos primeiros volumes da *Conta-Corrente* de Vergílio Ferreira. Sei que já escrevia muito antes, quando andava em Coimbra e que se relacionou com o Afonso Duarte, que lhe lia e criticava os primeiros tentames literários. Mas há um impulso qualquer que o terá feito definitivamente arrancar estrada fora.

No volume III de *Era Uma Vez o Tempo*, nota-se a ausência da datação na maioria dos textos. Não sabemos se é segunda-feira ou terça, se estamos no dia 1 ou no dia 30 do mês.

Há uma indefinição do tempo cronológico, em analogia com o tempo atmosférico das ilhas, sempre em mudança. Dias de agosto em janeiro, dias de janeiro em agosto. É um artifício (inconsciente talvez) que dá um tom original ao diário. Retira-lhe aquela ideia de conta-corrente, de uma mera tabela de fixação dos dias, como o Robinson Crusoe na ilha a marcar os dias à navalha com traços num pau.

Em *Era Uma Vez o tempo*, há grandes linhas que se podem resumir nas seguintes constantes:

O fluir do tempo é a base do diário. Além de vir referido no título, está presente em todas as páginas do volume. O Fernando Aires conta a história do tempo, não o tempo cosmogónico ou lá como lhe chamam, mas o tempo vivido por si. Creio que o Onésimo deu conta disto muito antes de mim e não é por isso nenhuma novidade.

Dentro da linha do tempo, surge a velhice, a infância e as recordações. As viagens ao passado são frequentes e é aí que você dá o seu melhor. São textos deliciosos. É como um pedaço de fruta cristalizada num bolo, também ele delicioso. Os cheiros, os sabores, os rostos há muito desaparecidos, a sensação de perda irrecuperável, o tempo que tudo desgasta (Saturno comendo os próprios filhos) atravessam estas páginas e põem o leitor a recordar o tempo das suas vivências.

Outra constante temática é a preocupação social, ligada ao ceticismo em relação à sociedade atual e aos políticos. A guerra, a miséria que todos os dias nos surge nas ruas e na televisão, a hipocrisia, os broncos cidadãos dos Mercedes, das telenovelas e dos futebolis. O autor cumpre aqui o papel reivindicado pelos românticos: o escritor é aquele que denuncia os vícios e as injustiças do seu tempo.

A vivência de ilhéu obriga o autor a falar das ilhas, do isolamento, da solidão, da diáspora. Seria curioso comparar o seu isolamento com a liberdade que o Torga sentia quando olhava para as fragas do Marão ou do Gerês. Enquanto Fernando Aires é um homem rodeado de água por todos os lados, o Torga era uma montanha rodeada dele próprio por todos os lados.

O tema da amizade perpassa em todos os volumes. São frequentes as referências às conversas com os amigos, ao convívio à volta de uma mesa, às cartas que recebe e às cartas que envia, algumas delas copiadas no próprio diário. O diário como que perde a sua função de recipiente de segredos inconfessáveis ao ouvido humano, para se tornar recetáculo das amenas e sãs cavaqueiras com os amigos. O Fernando Aires,

sem querer, altera o objetivo fundamental do diário: o resguardo daquilo que não se pode partilhar com ninguém.

Verifica-se grande unidade nos quatro volumes de *Era Uma Vez o Tempo*, unidade que não exclui uma caminhada para uma maior contenção da frase e da palavra. Fernando Aires no último volume escreve menos mas a escrita resulta mais densa. Não quer isto dizer que os restantes estejam numa escala inferior. Estão talvez numa escala diferente. Como quatro estradas que, sem se cruzarem, se acompanham.

Um diário, além de revelar o escritor, revela principalmente o homem. Os dias não são todos iguais e essa característica só um ilhéu a poderia captar na escrita, fruto do tão peculiar clima açoriano.

Os textos que Fernando Aires vai escrevendo nos dias que correm são pequenas maravilhas que empurram o leitor para a frente, não para saber o que aconteceu depois, pois o diário não é um romance de ação, mas para vislumbrar o espírito de quem escreve.

**José Leon Machado, 1997 In *Letras e Letras Projeto Vercial***

---

#### **4. Recensões - Memórias da Cidade Cercada de Fernando Aires In <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/crit025.htm>**

Os contos das [Memórias da Cidade Cercada](#) de Fernando Aires não se deixam possuir pelo leitor, a trama narrativa escapa-se dos olhos de quem lê, as personagens são rebeldes à imaginação. Não há *suspense*, não há indícios, aqueles pequenos truques de que muitas vezes se serve o autor para empolgar até dar o golpe final. São contos do tempo e dos seus ciclos onde nada é calculado e onde nada é previsível.

O tempo, aliás como nos diários do mesmo autor, é o grande tema: «o tempo costuma alisar, com dedos persistentes, as rugosidades dos dias» (p. 81); «o tempo como um carro por uma ladeira acima, a demorar-se» (p. 103); «o tempo tem uma espessura especial, uma maneira rangente e estranha de passar» (p. 131); o tempo, «esse coveiro de má morte que vai soterrando tudo» (p. 161).

Há muito de autobiográfico em certos contos. Em «A penhora», «As pessoas (des)aconselháveis» e em «A estória que não chegou a ser contada», por exemplo, encontramos estridências de certas passagens dos diários. Aliás nos diários nota-se a preocupação e as hesitações na construção do *corpus* textual dos contos que na altura

andava a escrever. Disto se conclui a preocupação do autor em refletir sobre a própria escrita.

A matéria dos contos, essencialmente insular, transparece do interior para o exterior e vice-versa. Alguém que parte e nunca mais é visto (o homem do Prefácio); alguém que parte e deseja regressar (Januário); alguém que parte contra vontade e não regressa (Ti Eugénio Gata); alguém que regressa e quer partir (a prima Dulce). A matéria narrativa de mais de metade dos contos anda à volta desta problemática. A conclusão é óbvia: «um ilhéu é uma lapa agarrada aos sentimentos» (p. 89).

Temos aparentemente histórias simples de gente simples, com o coração e a vontade presos de uma ilha coberta de sol e de bruma, contradição que bem define os Açores dos seus livros. Todavia, estas histórias são de todos os tempos e de todos os lugares.

Embora fosse improvável haver uma idosa soterrada na própria casa devido a um terramoto em Trás-os-Montes, é pertinente pressupor uma idosa soterrada devido a um desmoronamento de neve em Trás-os-Montes. O mito pertence à memória e é nela que se guardam as histórias. Iria lá pensar o Ivo Cabreira que seria um dia aproveitado para personagem de um conto, talvez com outro nome!

Não é importante que as personagens tenham ou não sido reais. Uma das minhas avós chamava-se Francelina e foi governanta em casa de uma velha senhora. Que distância vai entre a personagem Francelina de um dos contos de Fernando Aires e a minha avó? Acontece que escrevemos a ficção através do real num nível de pré-consciência, derivada esta do fundo mítico que nos subjaz.

O estilo é cuidado, de grande economia verbal. Sendo extremamente difícil escrever contos, reduzir ao essencial o natural ímpeto de o escritor querer contar tudo através da enxurrada linguística, nota-se, nestes contos, a contenção do autor, o trabalho de reflexão e de tesoura.

Há passagens excelentes. Uma delas está entre as páginas 75 e 76, a partir da altura em que a chusma começa a gritar «Olha o Doido!» apontando Ivo Cabreira no meio da praça a dizer que era a sombra de Deus. É uma descrição notável. Isto sem menosprezar o resto do livro, uma vez que todo ele resulta numa obra surpreendente.

**José Leon Machado, 10-09-1997**

---

## 5. **Recensões - Era uma Vez o Tempo – Diário V Fernando Aires - Lisboa, Salamandra, 1999**

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/recen061.htm>

O escritor açoriano Fernando Aires tem, há mais de uma década, vindo a publicar o seu diário, contribuindo por um lado para o crescimento de um género literário que em Portugal nunca foi muito cultivado, e por outro para a problematização da escrita em si. Há três ideias que caracterizam o período pós-moderno: o pessoalismo, a historicidade e a temporalidade. O diário de Fernando Aires, ao comungar destas três ideias, está sem dúvida na linha do pós-modernismo.

O diário sendo, por natureza, pessoal, é o género literário que mais se coaduna com o desejo de um autor se desvelar em considerações sobre si próprio, sobre os outros e sobre o mundo que o rodeia. Fernando Aires não fala apenas de si em *Era Uma Vez o Tempo*. O falar de si é, no entanto, uma das componentes fundamentais, por ser intrínseco a este género literário.

No entanto, o que o autor faz, falando dos outros e do mundo que o rodeia (e aqui por mundo entendemos a paisagem natural ou não), é interrogar-se analisando-se introspectivamente. O *eu*, estando sempre presente, não cai no egocentrismo revelado, por exemplo, no diário de Amiel. Em Fernando Aires, o *eu* enunciador representa a contingência de um ser no meio de outros milhões de seres. Nem melhor, nem pior; apenas diferente e imperfeito.

Fernando Aires não é um autor historicamente desenraizado, tentação aliás frequente noutros diaristas, como Torga, que evitam o confronto direto com os acontecimentos sociais e políticos do momento em que escrevem, ora para não se comprometerem, ora por acharem que estão acima do quotidiano, em que o que interessa são os estados de espírito do escritor e não o que os motivou. E muitas vezes o que motiva os estados de espírito é bem mais interessante do que as reflexões quase sempre repetitivas e derivadas de *tópoi* por demais gastos.

No diário de Fernando Aires, e neste último volume ainda mais, há a preocupação de se escrever sobre o que historicamente vai acontecendo, quer nas ilhas, quer no país, quer no mundo, sendo isso pretexto para a elaboração de reflexões sobre os factos.

O diário é, de todos os géneros, o que mais se aproxima do tempo cronológico. Isto porque o seu autor procura fixar instantes acontecidos, referenciando-os através de uma data, que contém o ano, o mês, o dia e às vezes a hora. As referências temporais explícitas são aliás uma das características fundamentais da escrita diarística. No caso do diário de Fernando Aires, além dessas referências, toda a escrita anda como que

submetida ao tempo. O título genérico remete para a sua história: *Era uma Vez o Tempo*. Este tempo é, por um lado, o tempo cronológico que o autor vai fixando pela escrita através dos instantes vividos, e por outro o tempo que deriva da intimidade e a que certa crítica passadista chamou psicológico. É na temporalidade que se estrutura todo o corpo do texto diarístico de Fernando Aires. As horas, os dias, os meses, os anos vão passando e o autor, envelhecendo, uma vez que o tempo é inexorável, permanece, pela memória, nos momentos que mais o impressionaram desde a infância até ao passado recente.

A fragmentaridade da escrita diarística, que levou a alguns exageros nas últimas décadas, parece não ajustar-se ao diário de Fernando Aires. De facto, em vez de fragmentos, ou estilhaços (conforme a etimologia latina da palavra), em *Era uma Vez o Tempo* temos uma unidade temática, estilística e factual. Não há cortes cronológicos substanciais, suspensões, inverosimilhanças, incongruências. Os textos sucedem-se sem grandes sobressaltos, confinando-se a um todo que se completa em cada volume publicado.

O quinto volume do diário de Fernando Aires vem pois completar a sequência encetada pelos volumes anteriores, sem no entanto se exaurir a si próprio.

**José Leon Machado, janeiro de 2000**

---

## 6. **Entrevista dirigida por José Leon Machado A criação diarística em Fernando Aires**

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/entrev02.htm>

*Fernando Aires, um dos mais importantes escritores açorianos da atualidade, é autor de quatro volumes de diário com o título genérico de Era Uma Vez O Tempo.*

*Sentados no escritório da sua casa em Ponta Delgada, a janela aberta sobre a cidade com o mar ao fundo, iniciámos uma conversa informal de que apresentamos alguns fragmentos.*

**L. M.:** Em que material é que escreve o diário?

**F. A.:** Sempre escrevi em folhas soltas, dobradas a meio, porque é mais cómodo. No caderno, se eu inutilizo o texto, tenho de arrancar as folhas. Se risco, torna-se mais difícil a leitura. A folha solta, se a inutilizarmos, atira-se para o cesto dos papéis. Quando muito arranjo uma capa onde guardo as várias folhas soltas. Ou então agravo-as quando atingirem dez ou vinte páginas.

**L. M.:** O seu diário é essencialmente um diário manuscrito?

**F. A.:** É um diário manuscrito. E continua a ser um diário manuscrito por um velho hábito. Todavia vejo que, à medida que vou entrando na manipulação do computador, vou-me sentindo mais à vontade para poder escrever ali diretamente – e descubro-lhe as vantagens. Mas ainda é muito escasso o texto escrito diretamente no computador.

**L. M.:** Escreve então os textos à mão e passa-os depois para o computador. Depois como é que os revê?

**F. A.:** Costumo escrever de jato e depois é que trabalho o texto. É como um pedaço de barro que o oleiro molda em bruto, surgindo dali uma forma cada vez mais elaborada. Há, todavia, que ter atenção – porque se se trabalha o texto como quem faz rendinha à mão, há o grande risco de o texto perder a espontaneidade. Ele tem que brotar e ser alguma coisa de tão fluido como uma água que corre. É fundamental que seja uma coisa viva, que flua e vibre. Se mova por si e nos escape das mãos. Eça de Queirós também trabalhou minuciosamente os textos e não houve desastre. Mas o texto era do Eça...

**L. M.:** Eça de Queirós não escreveu diários.

**F. A.:** Sim, é verdade. Eça não escreveu diários. Mas o trabalho de escrita de um romance pode ser o mesmo.

**L. M.:** Em que locais costuma escrever o diário?

**F. A.:** Escrever não costuma ser uma função sedentária. Quem está precavido e quem tem alguma experiência leva consigo inevitavelmente um bloco-de-notas ou umas folhas soltas. Vai preparado para não perder ocorrências ou ideias que surjam.

**L. M.:** Recordar-se de algum caso em que estava num local qualquer e se lembrou de uma ideia e escreveu-a?

**F. A.:** Não posso particularizar. Isso aconteceu muitas vezes em lugares sugestivos ou depois de uma conversa com alguém. Então toma-se um apontamento para não se perder um futuro texto.

**L. M.:** Quando é que costuma escrever?

**F. A.:** Desde o tempo de Coimbra que me habituei a estudar e a escrever, de preferência, de manhã. De manhã estou mais fresco e afluem as ideias. Depois de lavar a cara, de respirar o ar lá de fora, de fazer um pouco de exercício mexendo-me, sinto-me com mais disposição. Mas, é claro, nestas coisas não há programa rígido.

**L. M.:** Como é que publicou o primeiro volume de *Era Uma Vez O Tempo*?

**F. A.:** Alguma coisa desse primeiro volume, antes da impressão em livro, foi publicada no *Diário dos Açores*. Tinha lá um grande amigo, o Silva Júnior, que dirigia o jornal. Ele conhecia coisas que eu escrevia, tínhamos conversas e muitas vezes me pedia para mandar textos para as páginas do jornal. E eu mandei. Nessa altura eu não tinha bem assente o projeto de juntar os textos e publicá-los em livro.

**L. M.:** Já tinha um título?

**F. A.:** Os primeiros textos, recordo-me que se apresentavam como *Páginas de Diário*. A partir de certa altura, creio que apenas como *Diário*. Quando saía a página de letras, vinha sempre um retalho do diário. Muito do primeiro volume foi assim. Os outros já não – porque quando decidi publicá-los, achei que perdia a novidade.

**L. M.:** Como é que resolveu juntar os textos num volume?

**F. A.:** Os meus amigos, entre os quais o próprio Silva Júnior, induziram-me a publicá-los em livro. Acabei por propor a edição ao Instituto Cultural de Ponta Delgada, de que era diretor o Professor Almeida Pavão. Ele tinha sido meu professor no liceu, conhecia-me bem. Tinha lido os meus textos que saíram no jornal e responsabilizou-se pela publicação.

**L. M.:** Como foi acolhido o primeiro volume?

**F. A.:** Teve aqui em Ponta Delgada um bom acolhimento. Talvez por eu ter sido professor, por me conhecerem dos jornais. O facto é que esse bom acolhimento me deu vontade de continuar.

**L. M.:** E o segundo volume?

**F. A.:** Estava praticamente implícita a publicação do segundo volume. Tive depois uma oferta por parte da editora Salamandra de Lisboa para a publicação dos volumes seguintes.

**L. M.:** Como reagiu a sua família à publicação dos diários?

**F. A.:** Teve, naturalmente, prazer em verificar que o diário foi bem aceite aqui. Somos uma família, não é? As críticas nos jornais foram simpáticas. Contento-me. Não sou como o Saramago ou o Vergílio Ferreira que passe a vida a ranger os dentes por não conseguirem obter o prémio Nobel.

**L. M.:** Falando no Vergílio Ferreira: o Fernando Aires em *Era Uma Vez O Tempo* refere-se a cada passo à *Conta-Corrente*. Até que ponto ela o terá influenciado na escrita do seu diário?

**F. A.:** A cada passo? Será que me refiro assim tantas vezes à *Conta-Corrente*? Suponho que não. O meu amigo pode verificar. Todavia, é certo que somos mais ou menos influenciados por isto e por aquilo quase sem darmos por tal. O Leon Machado dirá. É natural que ao ler o diário de Vergílio Ferreira, ao ler o diário de Miguel Torga, tivesse retido alguma coisa deles. Acontece com toda a gente, não é verdade? Se alguém, entretanto, me perguntasse que escritor mais me influenciou, diria que foi o Eça. Eça de Queirós está tão dentro de mim, tão dentro dos meus hábitos de leitura, a minha admiração por ele é tão grande, que não posso deixar de reconhecer que, de uma maneira ou de outra, me influenciou – nas referências com que avalio o mundo à minha volta, nas minhas opções estéticas. Sei lá.

**L. M.:** O primeiro volume da *Conta-Corrente* foi publicado em 1980 e o Fernando Aires começou a escrever *Era Uma Vez O Tempo* em 1982. Será que houve certa motivação da sua parte ao ver outro autor a escrever um diário?

**F. A.:** Quando o diário do Vergílio saiu em 80, eu não o conheci logo. A obra, no continente, foi bastante divulgada. Mas aqui não. Pelo menos eu não dei por ela. Quando isso aconteceu, em finais de 82, eu já tinha começado o diário. Não me influenciou, propriamente, como motivação para começar, também eu, um diário. De Vergílio Ferreira impressionaram-me, sim, as interrogações angustiadas sobre Deus, a vida, a morte, aquela vocação de filósofo tão pouco comum na nossa literatura. Uma angústia que deveria constar dos compêndios para o efeito de documentar o drama existencial. Muito antes do diário dele, tinha lido *Manhã Submersa* e *Aparição*. Li este último quando andava a fazer o estágio no liceu do Porto e nunca mais esqueci aquela

página belíssima sobre o semeador: «Ó Bailote, tu já não tens a mesma mão para semear...» – e por aí fora.

**L. M.:** E quanto ao Torga, houve alguma motivação?

**F. A.:** Conheço o Torga desde o meu tempo de estudante. Cheguei a conhecê-lo, pessoalmente, em Coimbra, quando fui, mais o Jacinto Soares de Albergaria, esperá-lo ao consultório na esperança de um autógrafo (sem saber que ele detestava isso). Li muito cedo o *Diário* dele, é verdade. Mas penso que não foi muito importante para mim.

**L. M.:** Quer então dizer que diarística propriamente dita só conheceu a do Torga antes de começar a escrever.

**F. A.:** Sim.

**L. M.:** Sei que o Fernando Aires escreveu um primeiro diário por volta de 1949.

**F. A.:** É excessivo dizer que escrevi um diário por essa data, pois essa primeira tentativa não foi muito longe.

Não passou de umas poucas de páginas, algumas das quais enviei para o jornal da minha cidade natal (juntamente com dois ou três contos). Foi uma experiência sem continuação, fruto talvez do abandono que sentia, das saudades da família e da ilha.

**L. M.:** Como explica que cerca de trinta anos depois recomeçou a escrever o diário? Não terá sido uma espécie de crise existencial aos cinquenta anos de idade, uma reflexão sobre si próprio?

**F. A.:** Com efeito, os cinquenta anos de idade coincidem, frequentemente, com uma crítica existencial. É a idade em que a gente se dá conta da vida a fugir. De repente, surge a convicção de que se está a entrar na velhice e é aterrador quando se pensa nisso a sério. A mocidade passou, começa a ameaça às coisas vitais que constituem a razão de viver: a saúde. A capacidade do amor plenamente sentido e partilhado. Os projetos de vida e de realização a longo prazo. Então a gente procura uma fenda na muralha – a escrita de um diário pode ser resposta a isto.

**L. M.:** São normalmente os adolescentes e as pessoas que entram numa idade avançada que escrevem diários. Os adultos entre os vinte e os cinquenta não costumam escrever. Porque será?

**F. A.:** Creio que já respondi, parcialmente. A adolescência é (ou era) por natureza sonhadora, delineadora de um futuro. Vão acontecendo coisas e os adolescentes, os mais indagadores, procuram dar respostas.

Depois é o encanto destes segredos pessoais que lisonjeiam o *ego*. Esses diários da adolescência ficam, em geral, na gaveta, vindo mais tarde a ser rasgados ou guardados como recordação.

Quando é já o diário da maturidade avançada, os cabelos embranquecidos, uma vida vivida, experimentada, aí então já se trata de um caso mais sério. Funciona como memorial: a necessidade de buscar no passado alguma consolação que o presente não dá. O prazer e a aventura de ter sido jovem. Os casos de amor, os amigos que se perderam. É um manancial sem limites.

**L. M.:** O seu diário dos vinte anos serviu-lhe como experiência de escritor futuro?

**F. A.:** Não direi tanto. Percebo a sua perplexidade, a sua necessidade de ir buscar o substrato, uma explicação que justifique o aparecimento, digamos, "súbito", de um diário na velhice. Vendo bem, não será (não é) caso único.

É bom que lhe diga que nunca deixei de escrever nos jornais locais, em revistas (*Insulana*, *Atlântida*, e assim). Tenho mesmo uma colaboração razoavelmente longa no já citado *Diário dos Açores* (intitulada "Cartas para o Nosso Tempo"), que corresponde a um determinado período da minha vida e da minha maneira de pensar a vida. Portanto... Mas você, Leon Machado, é exigente. Não se contenta. Quer fundamento mais sólido e convincente que justifique o diário dos cinquenta. Pois alevá!

**L. M.:** Se não tivesse nascido nos Açores, teria escrito o diário? Até que ponto as ilhas terão influído nisso?

**F. A.:** Não é fácil responder. Podemos relembrar o que já está dito e redito e que se considera como fatores favoráveis à escrita de vários géneros (desde a poesia à ficção).

Refiro-me à paisagem, à distância, ao tempo triste que muitas vezes nos fustiga com temporais desmedidos – não falando nos muito citados terramotos e vulcões que, se não acontecem (estes últimos), felizmente durante vidas inteiras, estão lá para nos consumir.

**L. M.:** E no entanto nos Açores há apenas um diarista.

**F. A.:** Assim se diz. E agora à primeira vista, quase deu cabo da minha argumentação. Todavia, é necessário que se diga, se existe em princípio e apenas este diário publicado, a verdade é que não falta a poesia, o conto, a novela, o romance, na nossa história literária.

**L. M.:** Por que razão não há uma tradição diarística nos Açores?

**F. A.:** Nos Açores, a diarística foi substituída pela poesia confessional, que é uma forma mais "aceitável" de confissão. Na poesia, mesmo quando o poeta se confessa, não escandaliza ninguém. Porque é próprio da poesia aquela linguagem. Não choca ninguém.

O diário, pelo contrário, corre o risco de ser uma confissão pública considerada ousada, menos tolerada, por ser escrito em prosa (sabendo todavia que o diarista que se preza não é, necessariamente, obrigado a nenhuma sangria desatada). A "confissão" pública é sempre perturbadora, sobretudo para quem habita num ambiente circunscrito, como é o nosso aqui, uma cidade pequena, onde toda a gente vigia toda a gente.

**L. M.:** Poderemos dizer que o Armando Côrtes-Rodrigues seria um dos poucos autores açorianos que poderia ter escrito um diário?

**F. A.:** Ele escreveu uma série de crónicas (*Voz de Longe*, em dois volumes) que comungam de certo modo do diarismo: a evocação da infância, o passado da ilha, a lembrança do povo com quem se deu intimamente. Enfim, uma série de considerações de natureza memorialista. Porém, acho que não chega a realizar nenhum verdadeiro diário.

**L. M.:** O Armando Côrtes-Rodrigues terá sido uma espécie de antecessor do Fernando Aires?

**F. A.:** Gostava muito de ter tido essa honrosa presença como antecessor. Mas penso que a não posso evocar. Faça essa pergunta ao Onésimo ou ao Eduíno de Jesus. Pergunte ainda ao Vamberto.

**L. M.:** Continua a escrever o diário?

**F. A.:** O diário é como um vício. Um vício bom. Pelo menos dele não se morre.

*(Entrevista dirigida por José Leon Machado)*

## **7. ANA DA SILVA Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. Era uma vez um diário ilhéu: a literatura diarística de Fernando Aires, trabalho do 1º Encontro Açoriano da Lusofonia 2006 (5º colóquio da lusofonia),**

*Embora muitas obras da literatura açoriana tivessem um cariz autobiográfico, não havia, antes de Fernando Aires, diários açorianos. O que se pretende aqui evidenciar é a dimensão intimista que prevalece no diário **Era uma vez o tempo** de Fernando Aires.*

*Com efeito, a notação diarística ocupa-se do registo de sensações e reações cognitivas a essas sensações e, muito secundariamente apenas, da transcrição dos factos do quotidiano. Parece-nos ser este um dos casos em que a ação é considerada como “cosa mentale”.*

*Outra dimensão, digna de consideração e relacionada com a dimensão intimista, foi a inserção geográfica do diarista numa ilha: trata-se de um diário marcado pelo espaço da produção.*

*Tentaremos mostrar como o Diário<sup>6</sup> de Fernando Aires, que se situa na tradição literária açoriana, pode ser considerado um protótipo do que se pode entender por diário íntimo: um diário ilhéu.*

**Primeiro Tempo: Fernando Aires: iniciador e impulsionador de uma diarística açoriana.**

A questão de haver uma literatura açoriana, com traços peculiares que a distinguem da literatura portuguesa em que se insere, tem sido uma questão muito debatida dentro

<sup>6</sup> Não incluímos no corpus deste trabalho o primeiro volume do Diário, que não estava disponível no mercado.

e fora dos Açores. Mas o que a literatura açoriana ainda não tinha, passou a ter com Fernando Aires: uma literatura diarística.

Apesar do cariz autobiográfico de muitas obras da literatura açoriana, das quais se destacam por exemplo *Não Percas a Rosa* de Natália Correia, *O Jornal do Observador* de Nemésio, *Memórias da Cidade Futura* ou *Memórias das Ilhas Desafortunadas* de Manuel Barbosa, *Os Amores da Cadela Pura* de Margarida Vitória, *Gente Feliz com Lágrimas* de João de Melo, *Raiz Comovida* de Cristóvão de Aguiar, verifica-se a total inexistência de diários açorianos antes de Fernando Aires, que, numa entrevista dada a Vamberto Freitas, avançava uma tentativa de explicação:

*“Este gosto pelo interior, tão nosso, tão caracteristicamente nosso (...) leva-me a estranhar a ausência de diaristas nas ilhas. O meio demasiado estreito e censurado pode explicar isso. O refúgio na poesia intimista também pode ser a explicação”* (Freitas, 1992: 185).

Fernando Aires, então assistente convidado da Universidade dos Açores, onde lecionava História, já com uma notoriedade consagrada pelos seus trabalhos de investigação académica e pela sua colaboração em jornais e revistas açorianos, publica a sua primeira obra literária em 1988: o volume I do seu Diário, *Era uma vez o tempo*.

Concordamos com Vamberto Freitas ao dizer:

*“Publicar um diário sem obra criativa previamente feita é um ato arrojado, não pode haver falhanço, a credibilidade do autor depende por inteiro da arte com que os pessoalíssimos, gentes e coisas são aí retratados. Não existem aqui nem o refúgio num narrador fictício nem, uma vez mais, em outras obras que possivelmente tenderiam a colocar o leitor em predisposição para tudo acreditar ou perdoar”* (1991: 8).

O facto é que Fernando Aires conseguiu despertar um grande interesse e curiosidade por parte não só do público como da crítica, sobretudo a partir da publicação dos dois últimos volumes do *Era uma vez o tempo*<sup>7</sup> que, por terem sido publicados na capital continental, beneficiaram de uma maior visibilidade no mercado.

Desde então, mereceu a admiração de críticos como Eugénio Lisboa, Aníbal Pinto de Castro, José Augusto Seabra e Luís Amaro, tendo, no meio académico, passado a ser objeto de teses universitárias.

<sup>7</sup> *Era uma Vez o Tempo*, 2º volume, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1990. *Era uma Vez o Tempo*, Diário III (1993) e Diário IV (1997), Edições Salamandra, Lisboa.



Na sua introdução às *Páginas do Diário Íntimo* de José Régio, Eugénio Lisboa refere-se a Fernando Aires como sendo “*autor de um dos mais belos e sensíveis diários em língua portuguesa*”.

Pensamos que Fernando Aires foi o iniciador e o impulsionador de uma diarística açoriana que conta com escritores como António João Marinho Matos, que publicou o seu *Diário I, Jornal do Ocidente* (1996-97), na sua própria editora Espaço XXI, em 1998, e Cristóvão de Aguiar, autor de *Passageiro em Trânsito*, que decidiu finalmente publicar, em 1999, o diário que já vinha escrevendo desde 1964: *Relação de Bordo* (1964-88).

### **Segundo tempo: intimismo e diário íntimo**

A palavra íntimo, como as palavras intimismo e intimidade são difíceis de definir e, por isso, foram ao longo dos tempos conscientemente evitadas por vários críticos. Para designar o autor de diários íntimos, Michèle Leleu (1952) prefere recorrer ao neologismo «diariste» do que empregar o termo «intimiste», privilegiando assim o primeiro termo da expressão «diário íntimo». As mesmas reservas são feitas por Béatrice Didier (1976), que utiliza o mesmo neologismo, mas também a expressão «auteur de journal intime»:

«pour le critique le mot «journal» est moins fuyant, moins irritant que le mot «intime» (...) il charrie avec lui une connotation quelque peu désuète et d'un romantisme délavé, qui correspond certes à un aspect du journal, mais à un aspect seulement.» (1976: 9-10)

Após uma introdução ao seu livro *L'Intimisme* (1989), na qual chama a atenção para o carácter impreciso, esbatido e obscuro do conceito intimismo, Daniel Madelénat tenta defini-lo no âmbito de uma cadeia verbal que inclui os termos «intimismo», «intimista», «íntimo» e «intimidade». Assim, «intimismo», substantivo que aparece no início do século XX, designa essencialmente uma estética que privilegia temas como a meditação introvertida e a vida quotidiana e uma escrita ou pintura simples, mas pode também designar uma característica de uma personalidade introvertida:

«Est *intimiste* celui Qui aime vivre et exprimer les aspects *intimes* de l'existence sans rompre par les artifices clinquants de la représentation le calme discret et feutré, le silence d'une *intimité* où les sentiments et les pensées se répandent sur l'environnement immédiat» (1989: 20-21).

Madelénat analisa em seguida o que o conceito significa para Camille Mauclair que o inventou e promoveu:

« Ils cherchent [os intimistas] '*dans le recueillement, dans le mystère, dans le calme, dans la subtilité presque musicale des tonalités, le secret d'une beauté plus intérieure, plus psychologique*' (...) *l'art d'exprimer ce que les objets et les êtres, tels qu'on les aperçoit, laissent deviner de profond, le tragique et mystère quotidien de l'existence ordinaire, la poésie latente des choses*' » (1989: 21).

Madelénat opõe prática intimista do diário íntimo a esta estética considerada «*une composition intentionnelle en vue d'un effet sur le lecteur* (no caso de Aires há uma conjugação dos dois sentidos, não?). «Íntimo» e «intimidade» designam a dimensão mais profunda das coisas ou dos seres que a observação e a análise não conseguem atingir. Num sentido mais lato, designam a arte que representa a vida interior e privada ou o ambiente que a favorece.

Madalénat caracteriza o intimismo através de um conjunto de temas fundamentais no que respeita ao género do diário íntimo que aqui nos interessa:

«*Quotidienneté, cercle de l'intimité familiale ou amicale et de l'humilité sentimentalisee, paysage intérieur, communions avec le cosmos: toutes ces constellations de thèmes composent la galaxie intimiste et doivent s'envisager como un ensemble, car les écrivains, éclectiques pour la plupart, n'affirment pas un tempérament littéraire fort et n'imposent pas à leur oeuvre une stylisation exclusive*» (1989: 102-103).

Alain Girard (1986) e Béatrice Didier (1991) numa tentativa de definição do género, apresentam as seguintes características do diário íntimo:

1. Escrita diária passível de tudo incluir (o género não obedece a uma poética bem definida), numa ordem qualquer (o género não obedece a uma estrutura determinada), mas de natureza fragmentária, oposta à obra composta/construída (como as memórias). A distância do momento da escrita em relação ao acontecimento é muito mais reduzida em relação à escrita de autobiografia ou de memórias. O descontínuo da escrita fragmentária alia-se paradoxalmente à continuidade dos dias. Os únicos elementos de transição entre os dias são os espaços brancos que separam na página um dia do outro e a inscrição da data e do local. Trata-se de uma escrita que se prolonga num longo período de tempo.

2. Texto no qual o autor está pessoalmente presente como centro de observação. Identidade entre autor, narrador e personagem. Apesar do «eu» não ser o único pronome pessoal utilizado, é ele que prevalece, tal como afirma Béatrice Didier:

«*Le 'je' néanmoins l'emporte à tel point sur les autres personnes, que tout le journal s'organise autour de cet obsédant 'je' Qui perpétuellement souligne que le texte n'a d'existence, ici, que par référence à l'auteur. C'est là que le journal, si décousu, si*

*disparate soit-il, trouve son unité. Ce 'je' obsédant semble la seule règle d'un genre Qui n'en connaît pas (...)*» (1991: 154).

3. A observação é interior, ou seja, incide mais sobre o lado privado da vida do redator do que sobre o lado exterior. Diário íntimo opõe-se a «diário externo», segundo a terminologia de Georges Gusdorf (1948). Neste segundo tipo de diário, os factos/acontecimentos prevalecem sobre os estados de alma e de pensamento da pessoa. Porém, tanto para Girard como para Didier, não existe uma forma pura de diário íntimo, há sempre uma espécie de crónica quotidiana dos acontecimentos e das relações que o diarista estabelece com os outros. Béatrice Didier chama a atenção para a dificuldade atual de delimitação entre «interior» e «exterior». Para Didier, a intimidade do eu definir-se-ia hoje em relação ao inconsciente e aos vários níveis da consciência estabelecidos por Freud. Didier mostra uma grande variedade de tempos utilizados nos diários íntimos. No entanto, nos diários menos factuais, como o de Maine de Biran, Amiel ou Charles Du Bos, as distâncias temporais perdem a sua importância e prevalece, assim, um presente da continuidade.

4. Segundo Girard, trata-se de um texto que não se destina a um público nem a ser publicado. Guardado como um segredo. Escrita privada. Didier contesta esta noção de intimidade, pois alguns diaristas organizam a publicação do seu diário e, mesmo quando tal não acontece, o outro está sempre presente na mente do diarista.

5. A introversão prevalece sobre a extravessão. Os acontecimentos exteriores só importam enquanto ressonância, ou seja, enquanto impressões que ressoam na consciência do autor. Um diário íntimo não implica forçosamente introspeção, pois geralmente o diarista limita-se a anotar o que acontece, podendo o diário caracterizar-se por um aspeto repetitivo e um ritmo lento e monótono. Para muitos autores, sendo um modo de expressão paralelo ao de uma obra em curso, o diário íntimo torna-se uma crónica da atividade criativa.

6. Segundo Girard, esta escrita corresponde a períodos depressivos e pouco criativos. Pelo contrário, Didier afirma que pode muito bem também corresponder a períodos de exaltação e grande criatividade.

Para Girard e Didier, o diário íntimo revela da parte do diarista uma tentativa de escapar à fuga do tempo (registando instantes fugidios privilegiados) e testemunha de uma procura do inexprimido. Girard tenta sistematizar uma experiência comum da noção de pessoa, determinando assim três grandes configurações características do autor de diários íntimos: a procura do eu, a perda do eu e a conquista do eu.

<sup>8</sup> No que respeita às citações do *Diário* de Fernando Aires, a referência bibliográfica aparece no corpo do texto, no fim da citação, entre parêntesis, e inclui em numeração romana o número correspondente ao volume em que está inserida a citação, seguido do respetivo número de página em numeração árabe.

### **Terceiro tempo: a intimidade do eu ilhéu**

*“Este o sentir de que somos feitos, nós ilhéus mais do que ninguém.” (IV, 30)<sup>8</sup>  
“Esta Ilha onde nasci!” (III, 131)*

Os diários de Fernando Aires são uma afirmação identitária de pertença à ilha, materializando a consciência que ele tem da açorianidade, isto é, de um sentir, de um viver e de um escrever característicos do ilhéu. Lembremos aqui que Madelénat, no livro acima referido, estuda as figuras da esfera, do círculo e da circunferência como arquétipos da intimidade. Gilbert Durand, nas *Estruturas Antropológicas do Imaginário* (1969: 269-307) analisa a casa, o círculo e o centro como símbolos da intimidade. Tentaremos delinear os traços que a açorianidade reveste no Diário, considerando não apenas a intimidade (no sentido de Madalénat) do autor do diário, mas a intimidade de todo o povo açoriano.

Um primeiro traço é a ambivalência da ilha. Por um lado, é cerco ou espaço de opressão:

*“Ilha é prisão de mar. De tédio tecida. De distância tecida. Ilha de Nemésio e de Mesquita, com aves do mar na tormenta e o torpor dos dias pasmados de distância. Que não é o mar que sufoca de prisão, mas o céu côncavo (...)” (II, 113).*

Por outro lado, simultaneamente, a ilha é refúgio ou espaço virgem e puro de salvação: *“hoje foi um daqueles dias da Ilha em que serra, e mar e céu aparecem aos olhos como a obra espetacular acabada de sair das mãos de Deus. Ainda coberta do orvalho primitivo (...) estávamos ali de corpo e alma em comunhão com tudo.”* Ou ainda: *“De manhã, banho de mar – a água cristalina do começo do mundo, milagrosamente preservada das repetidas violações dos homens. Todas as vezes que me banho nestas águas saio puro como de um batismo. Sentimento de que recuperei a vida. De que a salvei.” (II, 83).*

O mar tem para Fernando Aires um incomparável poder de purificação que não implica forçosamente este gesto simbólico da imersão: *“Assim me purifico do enrugado das horas a olhar o mar.” (III, 16).*

Deste primeiro traço, decorre um segundo que é a tensão entre duas forças contrárias, uma centrípeta e outra centrífuga: o apego à ilha e o desejo de fuga. Aquilo

que dois críticos açorianos designam por “circularidade e fuga” (Vamberto Freitas) ou “errância e permanência” (Urbano Bettencourt):

“Os espaços limitados têm isto (...) é urgente deixar a Ilha. Deixar a Ilha. Deixar a Ilha...” (IV, 99); “Descobrir até que ponto este povo a que pertença é inesperado e paradoxal, perdido no sonho maior de buscar mundo, porém teimoso no melancólico apego a estas ilhas – pedaços desgarrados de uma Europa que quase não lhes sabe o nome.” (II, 84).

Significativo é o facto de Gilbert Durand estudar as imagens de sepulcro e de enclausuramento ligadas ao tema da intimidade, citando Baudouin que, na poesia de Victor Hugo, liga este complexo ambivalente do enclausuramento ao tema da insularidade (1969: 273-74). Béatrice Didier, por seu lado, estabelece uma ligação entre esta situação e a produção diarística:

«Le prisonnier aura tendance à tenir un compte de ses jours monotones. Parce qu'il a du temps, trop de temps, il est saisi d'un vertige devant cette répétition décevante où le temps disparaît. Le journal est alors sa seule vie. (...). Le journal naît aisément d'une situation carcérale» (1976 : 12).

Outro traço da açorianidade é o sentimento de degedro. A constante revolta de um povo por se sentir afastado e esquecido: “O pior é o sentimento de desterro geográfico e de esquecimento oficial” (II, 125). Este sentimento abrange todas as áreas. Veja-se como Aires exprime esse traço no que respeita ao escritor açoriano: “a deficientíssima forma como se faz a promoção dos livros de autores açorianos em Lisboa.” (II, 73).

Um outro traço característico da açorianidade é o sentimento de insegurança e de medo de quem vive desde sempre num mundo ameaçado pela contingência. As referências aos sismos são mais uma anotação intimista, pois o que sempre o diarista foca é o sentimento que nele e na sua comunidade eles provocam.

“Crise sísmica (...) velhas inquietações na alma de todos nós. Memória das ilhas ligada à ameaça de rebentamento dos vulcões. (...) O medo, como uma pedra, pesando no fundo do peito.” (II, 74).

Por ser em permanência alvo de fatalismo, o povo açoriano acabou por criar uma carapaça de resistência que lhe permite sobreviver:

“Era mais um sismo (...) senti que os cumes da serra escondiam uma ameaça. Senti claramente a presença dessa ameaça (...) A vida das pessoas suspensa por um fio, balouçada ao sopro da contingência. O que vale é que cada ilhéu já nasce armado de carapaça e de reflexos como o guerreiro de Esparta. Não é qualquer inimigo que o desarma. E quando a desgraça vem e é sem remédio, encolhe os

ombros e diz: Paciência! – os pés teimosos na terra, os olhos apontados ao horizonte como homem do mar que também é.” (II, 84).

Este sentimento de insegurança faz com que, desde muito cedo, o ser ilhéu se torne desconfiado: “O ilhéu que sabe, não vai nessa – e aí aparece logo o seu estigma de nascença: a desconfiança.” (III, 149).

De tudo isto, advém o culto de dois mitos muito impregnados na alma dos açorianos. O mito das origens: “No espelho de água, o mistério intrínseco das coisas por desvendar. A exaltante sensação de que tudo permanecia no como no começo: intocado e puro.” (II, 13). E o mito do fim do mundo, cujo símbolo nem sempre é o cataclismo:

“Qualquer dia, com a humidade e a chuva constantes, a ilha destorroa-se, desfaz-se nas águas. (...) Continuará de certo assinalada nos mapas, mas nenhum navio jamais a encontrará. Quanto a ser a velha Atlântida desaparecida, os séculos se hão de encarregar de dizer.” (II, 179).

A instabilidade do tempo meteorológico, ora chuva fina e nevoeiro opaco, ora “dia azul e oiro a explodir do céu” (II, 186), reflete-se também na alma açoriana, ora ensimesmada e melancólica, ora expansiva e eufórica: “Dualidade conflituosa entre intimismo e abertura ao mundo. Entre expansão e recolhimento interior. (...) Alma insular – cambiante e instável como o solo sísmico (...)” (II, 66).

A relação de amor/pavor que o povo açoriano tece com o mar, assim como com as outras forças da natureza eleva-o ao conhecimento do sagrado:

“a dialética dos três MM (como eu lhe chamo) à volta da qual tudo se joga: Mar-Marinheiros-Morte. A luta agónica contra a morte, de cada vez que é preciso levar o sustento para casa. (...) O homem ilhéu na sua luta contra o fatalismo, contra as raivas da natureza. (...) Com efeito, por meio e através da Natureza atinge a nossa gente o sagrado: Homem-Natureza-Deus.” (II, 56).

No Diário de Fernando Aires, a Galera, é uma ilha mais pequena dentro da Ilha, um espaço refúgio ainda mais íntimo:

“Lentamente, aquilo foi surgindo como uma ilha dentro da ilha, e já sonho com o dia em que desembarcarei nas suas praias e beberei das suas águas correntes.” (II, 73); “Nunca encontrarei resposta para explicar o sentimento de segurança que me toma quando aqui chego.” (II, 167); “A suspeita de que será aqui, talvez, o meu lugar.” (II, 168).

E tal como a Ilha que é a matriz com que se identifica, a Galera, geograficamente situada entre o céu, o mar e a terra, é o ponto de referência a partir do qual o escritor se define:

*“A nova casa da Galera já vai adiantada. Sigo os trabalhos, ansioso por me ver num espaço criado por mim. Projetado por mim. (...) Terra de pais e avós (...) Foi uma espécie de segundo útero que me alimentou. (...) é sempre lá que me situo e me decifro. Me significo e me reconheço. Daqui o valor da casa no cimo da colina, com janelas para o ilhéu da Vila e vale de cabaços. Com vista para o alto da serra e para o crescente de mar que chega até aqui em aroma e em som (...)”* (II, 49).”

Constante é a exaltação da paisagem exuberante da Galera, sinédoque da beleza paisagística da Ilha e de todo o arquipélago:

*“Aqui só faz sentido o abandono à evidência de haver beleza”* (II, 95); *“Hoje. Aqui. Eu, no deslumbramento de haver beleza.”* (II, 187).

Outro traço da açorianidade no Diário de Aires, é o facto de todos os traços anteriormente analisados contaminarem a própria linguagem poética, como o atesta uma vasta panóplia de metáforas enraizadas no imaginário da ilha, à semelhança das que se seguem:

*“o amanhã muito provavelmente igual ao de hoje e ao ontem deste convento, onde as horas inúteis são redondas como o horizonte que nos cerca.”* (ii, 70); *“Aqui, da clausura, espreitei por uma frincha o mundo largo. Vontade de abrir as asas e desferir o voo para os lugares onde o europeu se ergueu do chão e se fez gente.”* (II, 137).

Diríamos que Aires, à semelhança de um poeta ou pintor intimista, cultiva a arte de exprimir aquilo que de mais profundo caracteriza o seu eu como um ser ilhéu. Pensamos, por isso, que o intimismo, como estética literária, pode, ao contrário do que parece julgar Madalénat, ser conciliado com o intimismo como prática do diário íntimo, que a seguir analisamos.

#### **Quarto Tempo: a procura do «eu» ou o sentido da vida e da escrita**

*“Há, pois, que inventar um pretexto de adiar a sentença, começar um novo livro, sem o que chegará breve a morte anunciada.”* (IV, 49)

Que *Era uma vez o tempo* de Fernando Aires é um diário ninguém duvidará, não só pelo pacto de leitura estabelecido no paratexto através da menção «Diário», mas também pelo facto de o autor escrever diariamente, pouco tempo após o

acontecimento, inscrevendo no início de cada novo dia a data e, muitas vezes, o local onde se encontra. Chegando mesmo, por vezes, a referir o dia da semana. Assim, sabemos, por exemplo, que dia 11 de fevereiro de 1992 era uma terça-feira. Menos frequentemente, aponta por vezes o momento do dia: «De tarde» (II, 100). A única estrutura do texto é esta cronologia dos dias. O texto é de tal modo heterogéneo e fragmentário de dia para dia que, nos casos em que o autor não insere a data, o editor vê-se na obrigação de utilizar um sinal gráfico para separar fragmentos distintos.

*Era uma vez o tempo* não obedece a uma poética bem definida, pois a par do discurso propriamente dito do diarista, encontramos um amálgama dos mais heteróclitos tipos de texto como cartas, entrevistas, poemas, narrativas, etc. Verifica-se também a preponderância do pronome pessoal «eu», no qual se identificam autor, narrador e personagem. Apesar, de F. Aires também utilizar este pronome no plural («nós») quando integra o seu «eu» na comunidade açoriana.

Todavia, *Era uma vez o tempo* não é apenas um diário, mas um diário íntimo. E o facto de confirmarmos, no próprio texto, que o autor organiza a sua publicação não impede que seja um diário íntimo, como já o referimos acima. Girard apenas considera que o diário íntimo não se destina a ser publicado porque não tem em conta o diário moderno:

*«De nos jours cependant, beaucoup d'auteurs de journaux intimes n'écrivent plus seulement pour eux, mais pour un public potentiel. Le marché littéraire étant disposé à absorber tout ce qu'ils ont à exprimer, la publication de toutes sortes de journaux est devenue monnaie courante»* (Boerner, 1978 : 217).

Tentaremos pois mostrar que, neste diário, a introversão prevalece sobre a extraverson, que a observação incide muito mais sobre o lado privado da vida do diarista do que sobre o lado exterior, ou seja que nada há de factual neste diário. A única coisa que acontece é um «eu» que sente e pensa o seu destino no tempo. Veremos como este diário corresponde às três grandes configurações definidas por Alain Girard: a procura do eu, a perda do eu e a conquista do eu.

Esta procura do *autós*, no caso de Fernando Aires, está intrinsecamente ligada a uma procura do sentido do *bíos*, por sua vez ligada a uma procura do sentido do *gráphein*: *“What significance do we impute to the act of writing?”*, segundo as palavras de James Olney (1980: 6).

O pilar da escrita de Aires é a consciência de que a vida é um milagre irrepitível que não se pode deixar ao desbarato um único dia. *“Aproveita”* (III, 8 / III, 216 / IV, 26) exclama Aires para si mesmo, tal como nos aconselha o famoso *carpe diem* de Horácio: *“Pelos vistos, sempre compreendi muito bem que a vida não é para ser vivida um dia sim outro não.”* (II, 163). E a vida é estar atento e alerta, é reparar nas coisas pequenas,

é escutar em vez de ouvir (III, 37), é não ceder à indiferença da qual se queixa logo no início do terceiro volume, é não se deixar vencer pela apatia geral e alienação que equivalem a uma morte em vida: “*Não podemos viver como quem caminha distraído por uma paisagem conhecida.*” (IV, 74).

O sentimento de ser diferente, original, único, tão característico dos autores de diários íntimos reflete-se na quantidade de ocorrências do verbo reparar. Aires repete vezes sem conta que repara no que (a seu ver) os outros não repararam: por exemplo, um cão a farejar as sarjetas.

E para reparar, segundo Aires, é preciso devolver aos sentidos a sua importância, é preciso reabilitá-los. Por isso, eles são aqui fundamentais, sobretudo o olfato, que “*é um dom especial nos deuses*” (III, 184), o ouvido e a visão: “*Porque a paisagem é um estado de alma que nos vive nos olhos, nos ouvidos, no olfato.*” (III, 21). O Diário está repleto de cheiros, de sons e de cores que têm o poder de fazer da vida inferno ou volúpia.

O cheiro a fritos pela casa, o cheiro a ratos da casa fechada, a pestilência de um matadouro (de que ninguém se queixa) revoltam profundamente os sentidos de Fernando Aires, que se delicia com o perfume das açucenas, da hortelã do mato, dos incenseiros, das figueiras, com o cheiro “*já esfumado e, todavia, tão penetrante*” da cana brava (II, 167), com o cheiro a maresia das abróteas, com o cheiro a mosto das adegas, com o “*cheiro que as coisas (e as pessoas) ganham no abandono*” (II, 141), com “*o cheiro da noite – um cheiro secreto. Feminino. Saído do corpo adolescente da terra.*” (II, 193). Não por acaso, Aires dá conta das suas crises de alergia que lhe afetam os sentidos, sobretudo o olfato, fazendo da sua vida um verdadeiro martírio (II, 197 / III, 22 / IV, 75), confirmando também aqui a conclusão de Girard, segundo a qual o autor de diários íntimos sofre habitualmente de uma fragilidade física e/ou psicológica da qual resulta um sentimento amargo da vida.

Na sociedade moderna, já todos se habituaram ao ruído urbano. Não é este, no entanto, o caso de Aires: “*O ruído que trouxe da rua, sacudo-o aqui como se fosse poeira. Liberto-me dele.*” (II, 177). Liberta-se dele para se deixar penetrar pelo cantar dos melros (um *leitmotiv* do Diário), pelo rumor das ribeiras, pelo grito dos milhafres, pelas vozes dos netos em correria pela casa, pelo “*ruído do vento nos incenseiros e o rumor da chuva fina*” (II, 106). Todavia, é no ouvir crescer os pinheiros que Fernando Aires mais se distingue dos seus semelhantes no que respeita à alegria e à paz que esse reparar / estar atento lhe propicia: “*Ali hei de ficar a ouvir crescer os pinheiros*” (II, 73), “*ouço crescer os pinheiros*” (II, 81). Qualquer homem atento poderá ouvir o roçar dos pinheiros, mas só um intimista poderia ouvir crescer os pinheiros. Através dos sentidos, Aires parece atingir uma esfera íntima que ultrapassa a superfície das coisas.

O Diário está repleto destes reparos em que não raramente se lê uma comunhão harmoniosa dos sentidos:

“*o sol já descia no mar, embutido em carmim. Um frémito de luz atravessava o espaço. Pousava, devagar, na cumieira da serra. Escorria, depois, violeta, até ao rés d’água – um vidro gelado e redondo onde se repetia, invertida, a respiração dos bosques. A terra abria-se como um ventre (...) Perfumava-se de mística e de cedros (...) O rebanho das casas imóveis apascentava o musgo das margens, bebia na água o carmim do céu. E a gente sem saber se devia acreditar.*” (II, 126).

Este encantamento que persiste perante as coisas, como se as visse pela primeira e última vez, caracteriza o intimista que julga ser capaz de penetrar cada vez mais «o mistério e a poesia latente das coisas», por isso elas lhe aparecem sempre sob um prisma diferente.

Uma das dimensões da escrita é pois o discurso de um intimista revela uma forma mais humana de existir que não pode ocorrer senão na intimidade de cada ser:

“*A sociedade alheia-se da essencialidade da pessoa. (...) Depois, nada do que diz respeito ao essencial do homem pode ser posto em execução por decreto imperial. O mais importante acontece sempre no íntimo de cada intimidade.*” (II, 120).

Eis porque o espaço citadino adquire, no Diário, uma conotação assaz negativa, opondo-se diametralmente ao espaço circunscrito pela casa da Galera que equivale ao *locus amoenus* da intimidade:

“*aprecio agora este silêncio do meu quarto. A cortina de plátanos e de metrosíderos a defender-me do mundo. Pondo à distância a cidade ruidosa e enlameada (...) Ter este canto, esta cadeira que é a minha. Ter esta mesa onde escrevo (...) Saber a cidade ao longe, engasgada de trânsito e de esgares irritados (...) Será que faço batota comigo mesmo para me convencer destes privilégios e poder suportar a cidade cercada e o mais que dentro de mim me constrange?*” (II, 99).

Cabe ao escritor o dever de velar por e revelar essa essencialidade, mesmo que isso venha a diminuir o número de possíveis leitores:

“*Numa época de tecnologias, para muitos não fará sentido um certo tipo de delicadezas e de sentimentos. Por essa razão, talvez grande parte do que aqui fica não tenha mais valor do que um velho bric-à-brac que só interessa a meia dúzia de colecionadores de velharias. Mas, por outro lado, não posso deixar de pensar que é justamente ao escritor que se pede seja guardador do imenso rebanho das*

*interioridades e do indizível inacessível às matemáticas. (...) A única lei é que as coisas que fiquem escritas tenham dimensão humana. (...) Que quem encha um volume de palavras se liberte dos grilhões das modas, tantas vezes empobrecedoras das oportunidades de ser. Que deixe bem vincada a evidência de que a vocação humana está na capacidade de desferir livremente o voo até às estrelas sem pedir licença a ninguém. A isto se chama criar.” (II, 148).*

A escrita, para Aires, deve funcionar como um antídoto para a falta de humanidade veiculada pelos meios de comunicação social:

*“Mas o mundo está repassado quase só de violências que a imprensa, a rádio, a TV não se fartam de propagandear. Falta o outro lado humano – o país silencioso e invisível do afeto (...). O espaço ainda mal conhecido do amor que falta mostrar às pessoas para que elas possam continuar a viver.” (II, 147).*

Tal como acontece, segundo Girard, com os autores de diários íntimos, Fernando Aires considera a escrita do diário como uma incontornável necessidade diária de existir plenamente e de comunicar, como uma forma desesperada de convivência, devido à dificuldade de relacionamento com os outros e à falta de comunicação real:

*“E vou à rua e é o mesmo: caras fechadas. As pessoas no seu fadário – curvadas de cuidados e tédios. (...) Penso que alguma coisa de muito errado se passa. (...) Afinal, esta confidência interminável tem a ver com isto mesmo: com o ar desabrido e triste dos que vejo à minha volta. Assim, a única saída é este monólogo de todos os dias.” (II, 170); “Chega mesmo o momento em que se queria, com urgência, uma casa sem gente, habitada apenas pelo nosso querer. (...) Tudo seria então à nossa imagem e semelhança e teria a dimensão da nossa exigência.” (III, 60); “Trata-se, sobretudo, de uma necessidade. De ter alguém que me acompanhe, uma Presença com quem mantenha longa conversa de intimidade e de afeto. Se lhe pusesse ponto final definitivo, não sei o que seria.” (III, 96).*

*“Comment peut-on penser que dans l'autobiographie c'est la vie vécue qui produit le texte, alors que c'est le texte qui produit la vie!” (Lejeune, 1986: 29). Assim é para Fernando Aires, que, para utilizar a expressão de Girard, consegue conquistar o seu eu através da escrita: “Só estou preso à vida por este fio de palavras com que vou tecendo estas páginas. Todos os dias as vou tecendo pelo desejo de me refugiar na ficção de me pensar vivo – e então é como se estivesse.” (II, 112).*

Conquistar o seu eu, tornando-se aquele em que acredita e que inventa para esse efeito: *“vou-me certificando que o escrever é, sobretudo, necessidade. Mesmo assim, mal talhado, o escrever é necessidade. Decerto que sinto os meus limites, mas também, uma vez por outra oportunidades mentais de me esclarecer e de me inventar (...) Assim, muito mais do que o desejo de ser lido, tenho necessidade de me ver descrito e confessado em tinta e papel. Para todos os efeitos, é um retrato que fica*

*(...)” (II, 231).* Este «eu», inventado e construído pela escrita, é o seu «eu» verdadeiro e não aquele que os seus vizinhos conhecem.

Aires coloca muito claramente o problema da verdade/falsidade e da sinceridade no terceiro volume. Uns amigos a quem lê umas páginas do diário colocam em dúvida a veracidade do relato que o diarista fez de um velório, ao que ele responde:

*“A verdade é mais ‘verdadeira’ quando, para estabelecê-la, se usa a ficção de dizer que se comeu amendoins no velório. (...) É nisto que consiste a arte de contar – esta mentira propositadamente inventada para se colher, da forma mais honesta, a porção da verdade possível (...)”.*

Esta questão é retomada e desenvolvida no volume seguinte do Diário: *“Por estranho que pareça, é esta a forma de revelar a ‘verdade’: inventar para ficar mais perto da verdade, e poder comunicar essa ‘verdade’ a quem não participou nela.” (IV, 50).* À semelhança dos autores de diários íntimos que Girard descreve, também Fernando Aires lê e relê páginas do seu diário para si próprio e para amigos, como uma maneira de reviver o seu verdadeiro eu (aquele que constrói através da escrita) e de confirmar a sua existência.

Aires não admite a ideia de poder parar de escrever o seu Diário: *“Por vezes anseio ‘chegar ao fim’ deste segundo volume do diário. (...) E depois de escrito, de impresso e de contemplado na estante, o que vou fazer comigo?” (II, 146); “Um Diário é assunto que não mais se acaba. Que tem de ser levado até à invalidez ou até à morte.” (II, 180).*

Como pensa Girard sobre o diário íntimo, este diário é também uma meditação sobre o tempo e a efemeridade da vida: *“Sensação de que tudo é terrivelmente provisório.” (III, 152).*

Ainda neste mesmo registo e lugar-comum do diário íntimo escrito na maturidade, ocorre frequentemente o tema da velhice ligado à degradação do corpo: *“e eu neste estado, como uma árvore de casca enrugada, de folhas cada vez mais raras e frutos cada vez mais mirrados e ácidos. O que o tempo fez de mim em tão pouco tempo.” (III, 178).*

A sua consciência do absurdo da morte e da constante mutabilidade dos seres leva-o a fixar os espaços íntimos do seu sentir nos quais nem sempre posteriormente se reconhece:

*“Escreveria agora tudo o que deixei escrito da maneira como o escrevi? Mas ninguém é nunca mais da mesma maneira. Daqui, por vezes, a dificuldade de me reconhecer nas páginas que ficaram definitivamente escritas. (...) há páginas (não sei quantas) que me desespero de não ter rasgado. Porém, apesar das páginas*

*que eu já não diria da mesma maneira como o disse (e que me desespero, sinceramente, de não ter rasgado) ali ficou uma certa memória de mim que não repudio. (...) Afinal tudo é provisório. (...) Isto que passou já tomou ausência como se não tivesse sido.”* (II, 32).

Esses espaços íntimos são preenchidos pelo mar da ilha, pela ternura para com os netos, por uma voz de mulher com harpejos de violino, pelas valsas de Strauss e as sinfonias de Beethoven... Olhemos de mais perto para alguns desses espaços.

### **O privilégio da solidão**

Para Aires, a solidão é um privilégio. Estar só é não se preocupar senão consigo próprio e, assim, viver o prazer de andar nu pela casa, despenteado e com a barba por fazer, é não ter que vigiar a sua maneira de ser perante testemunhas e, assim, poder passar o dia inteiro a pensar na escrita ou simplesmente a olhar um pássaro ou um pinheiro.

Estar só é ver reduzidas ao mínimo as necessidades diárias de uma casa, pois, por exemplo, basta-lhe haver pão, queijo, fruta e água para a refeição. Sobretudo, é a liberdade de conviver com o seu «verdadeiro» sem o constranger do tempo e de se despir da máscara que usa perante os outros, porque *“na aparência, somos diferentes conforme estamos com estes ou com aqueles. (...) Porém, definitivamente, somos mais nós quando estamos com o nosso cão.”* (III, 67): *“o prazer de estar só, atenção miúda ao dentro de mim e a respeito do agora e do outrora. É a liberdade de fazer e não fazer na ausência de testemunhas. É sentimento de que se é dono e senhor do tempo e do modo. É disponibilidade de deixar de ser ator para se ser autor de cada minuto que nos cabe viver.”* (II, 85), *“Já disse que os meus melhores momentos é quando estou sozinho a rebuscar em mim motivos desta escrita?”* (II, 144).

Escrever, para um intimista, é um ato que exige um isolamento voluntário:

*“No casulo da casa, eu, como escritor, sou um homem voluntariamente solitário, na atitude do médium que espera a visita dos espíritos (...) Sou prisioneiro voluntário”* (IV, 47-48).

A verdadeira solidão só começa “quando o livro chega ao fim”:

### **O outro**

O espaço que os outros ocupam no diário de Aires é muito reduzido. Sabemos dos seus serões com um círculo de amigos muito restrito, mas quase nada sabemos acerca desses amigos. Pois, num diário íntimo, os outros ocorrem apenas em relação ao autor

e para revelar a sua intimidade. É por isso que tantas vezes os amigos aparecem a ler, a ouvir ou a comentar passagens do seu diário.

Mais significativa ainda é a ausência de Linda. O espaço que a esposa de Aires ocupa no seu diário é apenas o das cinco letras que compõem o seu nome ou quase. Linda é apenas um nome. Na maioria das vezes, ora um nome que o acompanha: “Eu e a Linda” (III, 19 / IV, 15); ora um nome que o deixa sozinho em casa:

*“A Linda foi de visita a Riba d’Ave, como de costume. Lá fiquei outra vez de casa vazia.”* (III, 29).

Contudo, nada ficamos a saber a respeito da sua maneira de ser, nem tão pouco a respeito da sua relação com o esposo.

Não deixa de ser significativo porém o facto de serem poucas as referências ao desejo sexual e ao amor. Temas íntimos *per se*. Aqui, muito provavelmente, o meio pequeno onde e para o qual o autor escreve funciona como um agente de inibição. O que tal nos permite afirmar é o facto de encontrarmos no diário algumas passagens em que o autor revela uma grande fascinação por figuras femininas jovens anónimas: uma mulher que passa de lenço vermelho ao pescoço (III, 18) ou uma operadora de caixa num hipermercado com “o rosto e os seios do oval perfeito do quarto crescente” (IV, 88):

*“A voz dela tinha arpejos de um violino (...) Depois disto tenho a certeza de que nunca mais a esquecerás (...) e eu no desejo de ficar ali naquela sala – para sempre.”* (II, 180).

Há uma única referência a uma desordem de carácter sentimental que nos faz supor qualquer desgosto amoroso: *“Compreendo, cada vez melhor, como a desordem sentimental de que padeci se vai resolvendo e compensando através da excitação intelectual que a escrita me dá.”* (II, 170). No entanto, quando seria pertinente esperar um desenvolvimento desta desordem neste tipo de diário, a primeira e única referência que o diarista faz quanto a ela.

### **A feitura da obra**

Outro espaço íntimo deste diário é o da feitura dos livros e acompanhamento da sua divulgação. O diarista aponta a revisão de provas, o lançamento dos livros, o que eles significam para si, assim como elogios e críticas de que vão sendo alvo, o modo como surgiram os textos: *“Escrevi hoje um conto que intitulei O Homem Que Se Perdeu No Mar. Já o vinha pensando há semanas e hoje saiu-me quase de jato (...) O que hoje me saiu, por exemplo, foi sentido como libertação e procura. Pretendeu ser saga*

e afirmação.” (II, 160). O diarista compara o seu diário a um livro de atas no qual transcreve fiel e integralmente uma entrevista de Vamberto Freitas publicada no Açoriano Regional: “Posto o que passo à dita entrevista que aqui tombarei, como se de um livro de atas este escrito se tratasse.” (III, 51);

No dia 20 de outubro 88, confessa a sua emoção ao rever as provas de *Histórias do Entardecer*. A 3 de julho 90, fala-nos de um conto intitulado “Desenraizados”, escrito em 1988, que nunca deu à estampa por pensar vir a fazer dele uma novela. Em novembro de 92, indica que vai passar a figurar no *Dicionário Cronológico da Literatura* e na *Enciclopédia das Literaturas de Língua Portuguesa*. No dia 12 de junho de 94, refere um conto intitulado “Elegia a Sul de Capricórnio” e, no dia 25 de maio de 95, revela-nos o caráter autobiográfico dos seus contos *Memórias da Cidade Cercada*.

Carateriza-se este diário por uma constante autorreflexividade no que respeita à obra que se vai criando. Surgem frequentemente inquietudes e dúvidas tanto quanto ao valor intrínseco dos textos, como quanto ao facto de virem ou não a ser lidos:

“Disse há dias que gostaria de escrever a dita página cheia de rasgo e de frescura que ainda não escrevi.” (III, 55); “Acabo de reler estas páginas do 3.º volume, numa espécie de balanço geral. (...) há de tudo: passagens aproveitáveis, mesmo boas – não fossem as outras, as mediócras: forçadas, artificiais, sem aquela força por que tanto me tenho esforçado.” (III, 61); “O insulto da escrita falhada” (IV, 10). “Mas os deuses nem vão saber que o livrinho existe.” (II, 19), “Mas quem é que me vai ler? Meia dúzia de pessoas. E daí? Pois sim, mas o estar ali exposto, mesmo sob a forma das metáforas dá desconforto. Põe-me pouco à vontade” (II, 27); “E quando sair impresso [este volume do diário] quem saberá? Quantas pessoas o vão ler? Não tenho dúvidas de que fará menos ruído do que uma pedra atirada ao charco.” (II, 232); “Vistas bem as coisas, que oportunidades tem um ilhéu, que vive no seu rochedo, de vir a ser conhecido na capital e arredores? Antero, Teófilo, Nemésio, fizeram a sua vida pela metrópole e tinham posição – além do talento que Deus lhes deu.” (IV, 12).

Este tipo de queixas e a procura de elogios, como abaixo veremos, são, segundo Girard, comuns aos autores de diários íntimos (1986: 506) e caraterizam o seu sentimento de perda do eu.

Como forma de combater este pessimismo, vai lendo os seus textos aos amigos e anotando o seu contentamento por eles agradarem:

“O serão foi quase alegre, até porque tive oportunidade de ler coisas da minha lavra. Cometo, por vezes, este pecado, talvez levado pelo desejo de ser ‘centro’. Possivelmente por algo de narcísico que nos toca a todos. Também (e principalmente) por ser oportunidade de catarse, de exercício mental, de pretexto

para outras conversas. Necessidade de me dar a conhecer e de comunicar. (...) Deixem-me ao menos a ilusão de me saber escutado.” (II, 158).

Reconhece sem falso pudor que precisa de se saber lido, de ser elogiado, de se sentir amado: “Ah como me soube bem ouvir as suas palavras sobre os meus escritos! (...) Não se escreve para ouvir elogios. Escreve-se porque sim. Mas eu preciso de alguém que venha e me diga.” (II, 78); “O nosso Ego insaciável de medidas não suportando o anonimato.” (II, 109). Grita o seu orgulho por ser alvo de elogios por parte de pessoas que respeita, tais como uma sua aluna (II, 145), Onésimo Teotónio de Almeida (II, 37), Eugénio Lisboa (II, 157), ou ainda Vergílio Ferreira:

“Tive carta de Vergílio Ferreira falando que tinha lido o meu Diário. (...) Aqui no meu rochedo, recebo notícias de Vergílio Ferreira (...). Um acontecimento destes não podia ficar no segredo. Ajuda-me a amenizar os dias (...) dá-nos uma grande vontade de continuar.” (II, 162).

Aires precisa do reconhecimento, não só como escritor, mas também simplesmente como homem sensível que é. Veja-se como ele espera que lhe “façam uma ovação” por ter cozinhado abróteas com batatas e hortaliças (II, 81).

#### **O ser versus o ter: valores do intimista**

Em sintonia com os valores que inspiram a conduta de muitos autores de diários íntimos, segundo Girard (1986: 534), Aires mostra um profundo desprezo pelo dinheiro e pela atitude consumista da sociedade moderna, pela ambição política e pela “mentalidade burguesa do lucro” (II, 100), a favor dessa forma mais humana de existir que passa forçosamente pela comunhão com a natureza e com a intimidade de cada ser:

“deixo aos outros os ganhos fartos em notas de banco, a conquista dos lugares importantes do Poder, (...) A mim me basta a velhice das faias e este cheiro a caruma das matas – as coisas que acrescentam vida à vida (...)” (II, 87); “Não estou nos bastidores da política local (Devia estar?). Nem no segredo da política dos politiqueros (...) Quando a gente sabe que tudo neles (na esmagadora maioria deles) é da natureza da flatulência (...)” (II, 102); *Outra vez o Natal (...)* A chamada santa quadra do Natal é isto que se vê: uma espécie de ‘estouro da manada’ (como dizem, suponho, os cowboys) e que faz desabar uma multidão enlouquecida em todo o lugar onde se compram coisas.” (II, 33).

Aires é um espírito confessadamente religioso que recusa o catolicismo tal como é praticado. Revoltado contra os dogmas, não aceita o Deus intolerante e concebe que



a fé só pode verdadeiramente ser vivida na intimidade do ser: “15 de agosto, dia de Santa Maria:

*“A Senhora vai sair no seu andor por entre uma chuvada de dólares, e haverá bebedeiras pelas tabernas e cascas de melancia espalhadas pelo adro. (...) Salvenos Deus, que é quase só isto a nossa santa religião.”* (II, 78); *“Mas Deus, se existe, não está lá para (...) Deus não se interessa nada, mesmo nada, com aquilo que os padres insistem em dizer que Ele se interessa: por exemplo, como nós termos de acreditar que é trino e uno. E que o Filho está à direita do Pai, e assim. Deus está interessado é com o nosso coração.”* (II, 189); *“Dia chegará em que não será na montanha, nem no Templo, nem em nenhum altar particular que se prestará culto, mas no íntimo de cada um.”* (III, 208).

### Arquivo Histórico

Como historiador que é, vai anotando a ocorrência de factos que marcam a história, ou lembrando datas já há muito registadas: o ano um depois do muro de Berlim (9/11/89), a queda de Ceaucescu (12/89), o octogésimo segundo aniversário do assassinato de Carlos de Bragança (1/2/90), a reunificação da Alemanha (10/90), o bicentenário da morte de Mozart (5/12/91), a morte de Fernando Namora (31/1/89) ou de Greta Garbo (4/90). Através da simples seleção dos factos, mas também da sua interpretação, o que o autor pretende revelar é uma intimidade.

Estas datas são amiúde acompanhadas de reflexões, mas sobretudo de preocupações que o diarista repudia por não suportar o sentimento de um horror perante o qual se sente totalmente impotente:

*“As novas que a imprensa traz, cada vez mais inquietantes. Que vai acontecer no Golfo?”* II, 233: *“últimas notícias sobre a crise do Golfo. Fala-se de uma nova cruzada (...) Mas agora já não é por causa da profanação dos lugares santos do Cristianismo (como foi nos sécs. XI-XII) mas por causa da profanação dos lugares sagrados do Petróleo, outro deus ainda mais universalmente adorado. (...) Com todo o seu cortejo de horrores, a guerra está aí à porta (...) Em mim um sentimento de impotência e de humilhação. Para esquecer, fui à noite ouvir Eduardo Hubert. Tocou Schumann e Ravel.”* (II, 224); *“No coração dói-me a amargura da impotência. A dor do mundo.”* (IV, 83).

Arquiva também nas páginas do seu diário a sua história íntima da cultura açoriana, ao registar impressões de concertos e festivais de música, exposições de pintura e lançamentos de livros, congressos e colóquios. Deixa-nos páginas de valor inestimável ao conciliar crítica literária e testemunho sobre um determinado escritor.

É o que acontece, por exemplo, com os escritores Dias de Melo (II, 51-59 / III, 191-192), Daniel de Sá (III, 190), Álamo Oliveira (IV, 100-101), ou com a pintora Luísa Athaíde (III, 25-26). Chega a transcrever na íntegra o que disse acerca de um poeta em praça pública. É o caso de Ruy Galvão, que considera seu mestre e muito admira ao ponto de integrar poemas seus nas páginas deste diário (II, 64-65). No mesmo espírito de arquivista que intimamente pretende mostrar, transcreve cartas que escreve a amigos e cartas que deles recebe (II, 82).

Pouco fala da sua atividade de professor, mas a referência a algumas aulas serve-lhe frequentemente para veicular ideias e modos de conceber a História:

*“Aula sobre o tema: O significado do Sebastianismo no contexto da União Ibérica. (...) Sugeriu-se por exemplo, que na península, por falta de hábitos de investigação científica, só tardiamente se demarca a fronteira entre o possível e o impossível. A realidade e o sonho. Donde a dominância do sobrenatural e da fantasia que ajudam, também, a definir a nossa alma sebástica.”* (II, 143).

### Quinto Tempo: a perda do eu e a tentativa de recuperação do passado

*“E eu lembrei a imensa manhã da minha meninice onde havia o lugar do mundo mais seguro que já me foi dado conhecer: o colo de minha Mãe.”* (II, 133)

À semelhança de Proust, em *À la recherche du temps perdu*, Aires procede a uma justaposição de tempos e espaços passados e presentes, tentando assim ultrapassar o tempo que nega a vida e o espaço que separa os seres. Tal como acontece no episódio da madalena, no romance de Proust, em que o sabor atual de um biscoito molhado numa chávena de chá desencadeia a lembrança do mesmo sabor experimentado num passado já longínquo e com ele ressuscita todo esse passado, no dia 10 de novembro de 1988, a chuva fina a mudar de direção conforme o vento parece ao diarista um enxame de mosquitos no ar, desencadeando a lembrança da mesma sensação experimentada num dia de desgraça para a sua avó, traz-lhe a memória de um passado não totalmente recuperável: “E foi esta chuvinha, assim como o farelo peneirado do alto, que me trouxe as vozes e um susto diluído que ainda sinto. Tudo cheio de interrupções e de coisas esquecidas para sempre.” (II, 30).

A voz da Linda a chamá-lo para o almoço lembra-lhe a da mãe em semelhante situação (II, 166); o gesto de refrescar uma melancia ao fio da torneira lembra-lhe o hábito antigo antes do aparecimento dos frigoríficos (II, 222); a contemplação de uma vindima lembra-lhe

*“a ladeira pedregosa do Pico do Frade e os homens carregados de cestos de uvas (...)”* e *o ti Ermínio Cassota* (II, 223); *o cheiro a sardinha assada lembra-lhe o*

pai “em mangas de camisa, a comê-las com pão de milho caseiro.” (II, 230); o cheiro a “roupa que em tempos vinha da América para os parentes pobres das Ilhas” lembra-lhe a excitação da família ao chegarem as encomendas de Tia Silvana: “Isto era antigamente.” (III, 34).

O cheiro, o sentido mais trabalhado por Fernando Aires, é dos mais poderosos no que respeita a esta alquimia proustiana:

“De manhã a Linda trouxe tangerinas (...) descasquei uma, e o perfume intenso recordou-me tudo de uma vez: o Natal da infância, o licor que minha mãe fazia, o presépio, a consoada (...)” (III, 196); “Surpreendo-me com o poder que tem o cheiro para recriar presenças, disposições de alma (...)” (IV, 60).

Certos lugares são também suscetíveis de ativar a rememoração do passado. É o caso do cais que lhe lembra a sua partida para Coimbra aos 18 anos (II, 151), assim como da casa da sua infância: “basta passar por ali, olhar (...) Num relance, é toda uma vida, com o que ela teve de coisas e de gente.” (III, 57). E assim recorda Tia Querubina, D. Antónia “de luto fechada” e a caixa de música que guardavam no quartinho do meio.

No quarto volume, um jantar em sua homenagem no salão do seu antigo liceu traz-lhe lembranças do tempo em que ali vinha como aluno e dá conta das leituras que fazia naquela época:

“Depois dos contos de fadas da minha meninice, seguiu-se, de perto, Júlio Verne (...)” (IV, 90).

As transformações inevitáveis do progresso que caracterizam hoje em dia Ponta Delgada acendem na memória do diarista a imagem do antigo rosto desta cidade: “Pus-me a relembrar como era a cidade de há quarenta anos. (...) Que restava de outrora?” (II, 178); “o sítio por onde antigamente se entrava na Mata da Docca (...) Agora já não é mata nenhuma. Agora é uma coisa monstruosa e de pedra (...). Pois naquele tempo, havia ali uma mata (...) Logo no começo, voltada para a Rotunda, ficava a minha escola primária (...)” (II, 227/228). A imagem deste lugar dá azo a recordações da professora e das aulas.

Mortes e aniversários são também energia de ativação da memória: a morte de um amigo (II, 164 / III, 16), o aniversário da morte do seu pai (III, 131-132), o dia do seu aniversário (II, 149 / III, 107 /), ou do da sua esposa: “Faz hoje anos a Linda. (...) E um dia aconteceu o encontro (II, 237/238).

Outro meio de recuperar o passado e de travar a roda do tempo é através da leitura de velhas cartas e jornais:

“Estive a ler cartas de há muitos anos e foi como se o tempo parasse” (II, 114); “Encontro num armário vários números do Açores de 1967. Folheio alguns e é como levantar a tampa de um baú onde se tivesse aferrolhado o passado.” (III, 6). Ou ainda da contemplação de velhas fotografias: “Tenho para aí retratos de antepassados (...) Torturo a memória, rebusco-a (...)” (II, 234).

Por analogia, a sua convivência com os netos faz vir à tona impressões da sua própria infância:

“Quando a sua neta Beatriz faz um ano: “E eu lembrei a imensa manhã da minha meninice onde havia o lugar do mundo mais seguro que já me foi dado conhecer: o colo de minha mãe.” (II, 133).

A autorreflexividade que caracteriza este diário é ainda um agente de transição do tempo presente para o tempo passado. Assim, na tentativa de explicar a génese do próprio diário, Aires apresenta uma retrospectiva da sua vida literária:

“Desde os verdes anos me tomei de admiração por quem escreve. E, digamos, desde o liceu, no jornalinho ‘Girassol’, me pus a ensaiar aquilo que só no tempo se foi configurando em escrita. Aos 14-15 anos (imaginem-se!) comecei mesmo um romance que chegou a ser batizado (‘As ruínas de Valhadolid’) e que morreu, logo ao nascer, de debilidade congénita. Com os anos fui percebendo o em que consiste a intimidade da pessoa consigo mesma (...) Começava eu então (por 45-46) a partilhar dos modos e dos sonhos do grupo do bar Jade (como eu o designo) do qual saíu, em devido tempo, a ideia do Círculo Cultural Antero de Quental e a revistinha Açória. Além da minha pessoa, constituía o grupo o Eduíno (...) o nosso grupo propunha-se em primeiro lugar (...) Depois foi Coimbra (...) Afonso Duarte (...) Foi assim que nasceu este Era Uma Vez o Tempo.” (II, 27-28).

Através da leitura de textos antigos, Aires avalia a consistência ontológica em função da ideia de permanência, desafiando o carácter transformador do tempo:

“Estive a ler cartas de há muitos anos. Foi como entrar na minha alma antiga e descobrir como muito pouco mudou (se é que mudou): as mesmas nostalgias, a mesma impaciência, os mesmos desejos. O mesmo silêncio interior onde eu próprio tenho dificuldade em entrar.”

Apesar da aproximação que fizemos com a obra proustiana, Fernando Aires nunca poderá escrever o capítulo intitulado “Le temps retrouvé”, pois para ele os lugares da sua memória são “um estilhaçar de imagens que se incompletam” (II, 228): “No fim, não somos mais do que túmulos vivos de um passado extinto que, em grande parte, não aconteceu da maneira que se conta e, definitivamente, ficará por contar.” (II, 153);

“O que temos do passado são pedaços, nomes perdidos, sombras, numa grande promiscuidade impossível de destrinçar.” (III, 196).

Por fim, pensamos que o Diário de Fernando Aires revela uma preocupação estilística que não deve ser menosprezada e poderá ser analisada em relação com o caráter intimista que marca profundamente este texto, como o revelam metáforas tais como: “Depois a chuva para, e o ar, as casas, o chão, ficam com o desalinho de cabelos, o perfume, a frescura de pele, a ereção de mamilos de moça que acabou de sair do banho e se contempla diante do espelho.” (IV, 80).

O autor utiliza variados recursos estilísticos para tentar veicular o indizível das coisas, ou mais uma vez «a poesia latente das coisas», como acontece por exemplo com as seguintes aliterações: “a luz fuzilou no espelho do quarto, azulando a escuridão. E os trovões rolaram longamente como calhaus imensos num céu oco” (II, 118).

O autor considera esta preocupação estilística como primordial, pois grava-a nas próprias páginas do seu diário como que para ainda mais a reforçar:

“Estar atento ao som das vogais e à posição das consoantes. Ter infinita cautela com os adjetivos e os verbos. Não abusar dos hifenes e das reticências. Recuperar as sílabas perdidas.” (IV, 23).

### Bibliografia

1. Aguiar, Cristóvão de (1999) *Relação de Bordo (1964-88)*, Porto, Campo das Letras.
2. Aguiar, Cristóvão de (1997) “Relação de Bordo I. Sobre Diário IV de Fernando Aires”, in *Suplemento Açoriano de Cultura*, n.º 56, 12 junho.
3. Aires, Fernando (1990) *Era uma Vez o Tempo*, 2º volume, Instituto Cultural de Ponta Delgada. *Era uma Vez o Tempo*, Diário III (1993) e *Diário IV* (1997), Edições Salamandra, Lisboa.
4. Bettencourt, Urbano (1983) *O Gosto das Palavras*, col. Gaivota, n.º 31, Angra, SREC; (1987) *O Gosto das palavras II*, Ponta Delgada, Signo; (1999) *O Gosto das Palavras III*, Lisboa, Edições Salamandra.
5. Boerner, Peter (1978) «Place du Journal dans la Littérature Moderne», in *Le Journal Intime et ses Formes Littéraires*, Actes du Colloque de septembre 1975, Genève-Paris, Librairie Droz.
6. Didier, Béatrice (1991) *Le Journal Intime*, Paris, P.U.F., Collection Littératures Modernes, 2è. Ed.
7. Durand, Gilbert (1969) *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*, Paris, Brodas.
8. Freitas, Vamberto (1991) *Diário de Notícias*, 24 de fevereiro, Revista de Livros.
9. Freitas, Vamberto (1992) *O Imaginário dos Escritores Açorianos*, Lisboa, Edições Salamandra.
10. Freitas, Vamberto, (1999) *A Ilha em Frente*, Lisboa, Edições Salamandra.
11. Girard, Alain (1986) *Le Journal Intime*, Paris, P.U.F., Collection Dito, 2è. Ed.
12. Gusdorf, Georges (1991) *Auto-bio-graphie*, Paris, Éditions Odile Jacob.

13. Gusdorf, Georges (1948) *La Découverte de soi*, Paris, P.U.F.
14. Lejeune, Philippe (1986) *Moi Aussi, Le Pacte Autobiographique (bis)*, Paris, Seuil.
15. Leleu, Michèle (1952) *Les Journaux intimes*, Paris, P.U.F.
16. Madelénat, Daniel (1989) *L'Intimisme*, Paris, P.U.F.
17. Olney, James (1980) *Autobiography. Essays Theoretical and Critical*, Princeton, Princeton University Press.
18. Régio, José (1994) *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, Círculo de Leitores.

### 8. Teresa Martins Marques, Fernando Aires, em Forma de Cheiro ou de Nuvem

Dir-se-ia que a figura tutelar de Antero o acompanha, desde sempre, no seu percurso escolar, na cidade de Ponta Delgada: é no Campo de S. Francisco que se situa a escola primária onde Fernando Aires aprende as primeiras letras. Frequenta o Liceu de Antero de Quental, onde mais tarde virá a ser professor, e com o nome do poeta das Odes Modernas será batizado o Círculo Literário que viria a fundar, em finais dos anos 40, com Eduíno de Jesus, Fernando Lima, Jacinto Soares de Albergaria, ao qual, mais tarde, se juntariam Carlos Wallenstein e Pedro da Silveira, tendo como objetivo principal a divulgação do modernismo nos Açores.

A obra de Antero está presente nas suas preocupações exegéticas, pelo menos desde 1961, e era com autêntica veneração que o víamos percorrer os lugares míticos do percurso anterior, na cidade que foi berço de ambos. Homem de vasta cultura e penetrante inteligência, observador atento dos fenómenos político-culturais do seu tempo, leitor de clássicos e modernos, possuidor de um notável espírito crítico, aliado a uma rara sensibilidade, a uma fina ironia e a um discreto humor, por vezes contrastante com melancólica nostalgia, a personalidade literária de Fernando Aires revela-se num estilo inimitável, no qual a elegância da escrita é um dos traços que mais pertinentemente lhe foram apontados pela crítica.

Publicou dois volumes de contos: *Histórias do Entardecer* (1988) - ao qual foi atribuído o Prémio do Concurso Literário Açores/88; *Memórias da Cidade Cercada* (1995) e a novela *A Ilha de Nunca Mais* (2000). Apresentando um conseguido retrato da Geração de Cinquenta vivida em Coimbra, esta novela constitui uma valiosa contribuição documental relativamente a um espaço-tempo geográfico e cultural da Lusa Atenas. Nela perpassa a história literária e a história das ideias, assumidas como referências no discurso cultural dos protagonistas, desde Voltaire e a tolerância até ao spleen de Baudelaire, mas também de outros tão diversos entre si como Shakespeare e Kant, Marx, Daniel Guérin, Lukács e Sartre. Os jovens desta novela leem Rimbaud e Jorge Amado, Eça e Antero, nas ilhas ou longe delas, tantas vezes ainda

desconhecidas, mesmo depois de Raul Brandão as ter encontrado. Mas nem só de espírito vivem estes homens e mulheres que também ouvem na rádio as canções de Charles Trenet, enquanto se debatem com o amor que não é verbo intransitivo.

É sobretudo como memorialista de altíssima craveira que Fernando Aires se consagrará. Era Uma Vez o Tempo - Diário I (1988), Diário II (1991), Diário III (1993), Diário IV (1997), Diário V (1999) teve papel pioneiro dentro do género, na produção literária açoriana, conforme foi apontado por J. Almeida Pavão, no verbete que lhe consagra no 1º volume (1995) da Biblos -Enciclopédia Verbo das Literaturas Portuguesas. Assumindo uma forte componente autobiográfica, o Diário inscreve-se numa originalíssima zona de interseção entre o discurso poético e a narrativa ficcional, por vezes com incursões no território da crítica literária.

Era uma vez o tempo em que eu ainda não conhecia esta prosa-poesia, estas palavras tão feitas de silêncios, esta luz tão cheia de penumbras. Era uma vez o tempo em que abri o Rio Atlântico de Onésimo, na crónica “O Museu da Paz” e na pág. 186 encontrei o Fernando Aires respirando o mar na Galera “onde a Ilha se perde e alcança. Por onde a Ilha se alarga até ser maior que o nosso tédio. Tudo tão íntimo, tão íntimo. Tão indefinivelmente insular». E a manhã da Caloura “tão estranha, quase sobrenatural – talvez o espírito de Deus a pairar sobre as águas”, entrou nos meus olhos, encantou-me, e não pude deixar de pensar que a beleza entornada em palavras ainda existe, que os livros ainda valem a pena, que a literatura ainda é uma forma de felicidade, quando os autores como Fernando Aires perseguem a escrita pura:

*«Gostaria de escrever algo de completamente diferente, um estilo de linguagem de uma simplicidade nunca vista, limitada às notas essenciais da música da alma. Sem adornos e sem efeitos “teatrais”. Sem gramática. Alguma coisa que viesse como uma respiração, um luminoso apelo tanto à sensibilidade dos poetas como à das pessoas simples da terra. Como se faz?» Assim mesmo: «Um dia daqueles que se arrastam pela grotta acima como um pedregulho deste tamanho. O vento como uma incha de mar a fazer ranger portas e janelas, a vergar os ramos, a arrastar pelos ares gaivotas desamparadas. A sensação de me mover como um fantasma no vale dos mortos, um punho fechado no lugar do coração».*

Ao todo, cinco linhas, isto é, a quinta-essência da concisão e, todavia, que riqueza de conteúdo! A primeira frase apela à memória mítica do leitor e eis diante dos nossos olhos um Sísifo arrastando a pedra dos dias condenado à rotina, ao marasmo de um difícil viver. As “gaivotas desamparadas” reforçam o abandono que o homem sente, e o vento que verga os ramos, arrasta as gaivotas, faz ranger portas e janelas, é vento e mais que vento. É desconforto que abala a segurança, é fantasma de morte obsidiante, é elemento que reforça a angústia – “um punho fechado no lugar do coração”. A poética

diarística de Fernando Aires está aqui claramente enunciada. Uma escrita forte, e viçosa, ainda que muitas vezes melancólica:

*“Acabrunhado, não me seduz a escrita. Para além de um certo limite «negativo» não é provável acontecer a Arte. Para brotar viçosa e comunicativa, a Arte necessita estar-se vivo e senhor da errância e do espaço. Ser concha e cítara e orvalho fecundante (...)».*

E aí vem José Cardoso Pires a fazer clamar De Profundis o Fernando Aires:

*“Que é Isto que nos faz ser? Me faz saber que sou? me mantém sendo? – durante muitos anos? E, todavia, esta fragilidade de mim, este Eu tão subitamente, tão facilmente abolido por um simples coágulo que por acaso se forma nas minhas veias? O Universo tão facilmente abolido por um simples grão de areia! Toda uma catedral de arte, de consciência pensante e comunicadora de pensamentos e sentimentos, subitamente anulada, varrida da face da Terra, como um pó insignificante por uma breve lufada de brisa...».*

E aí vem Beethoven, que Fernando Aires, traz pela mão, para salvar o mundo com o coro da Nona Sinfonia que entra pelos olhos, que invade a alma de cheiros, e que se saboreia em sinestesia ruidosa de melros negros que não desistem de cantar. Foi esta música que ouvi na Caloura, na companhia do Fernando e da Linda, enquanto ele ajeitava umas folhas de trepadeira, nós ambas de cotovelos apoiados na varanda sobre o mar.

É aí, no concreto das folhas das árvores, da terra áspera, do cheiro que o vento traz do mar, que esta escrita encontra as raízes mais profundas. Tem razão José Leon Machado quando diz que “Fernando Aires não é um autor historicamente desenraizado (...) e “o eu estando sempre presente, não cai no egocentrismo revelado por exemplo no diário de Amiel. Em Fernando Aires, o eu enunciador representa a contingência de um ser no meio de outros milhões de seres”.

A escrita de Fernando Aires possui a sagesse da contenção, da medida certa que não transborda. Se Mestres aceita, eu inclinar-me-ia para o tom das brandonianas Memórias, sem lhes ficar atrás, e talvez não enjeitasse a herança de um José Gomes Ferreira que desejava redigir os textos “com uma caneta de névoas (...) donde escorregassem as palavras diáfanas e imprecisas dum estilo de espetros condigno com a fluidez do passado”.

Fernando Aires contou entre os seus Mestres a célebre avó Teresa – “Avó sabence!” (Como eu beneficiei da vantagem de ter o nome da Avó!):

*“Avó Teresa se estivesse aqui connosco, faria, decerto, desta noite e deste lugar uma coisa mágica – como acontecia quando eu era criança. Os judeus insistiram que era no Templo de Jerusalém que se devia adorar. Avó, não. Para ela qualquer lugar servia, desde que se viesse de coração contente e a concha das mãos cheia de esperança. Que segredo era o dela? – pergunto-me. Não sei. Talvez esse segredo estivesse na sua voz tranquila, no seu olhar manso e tão seguro. Por isso eu não duvidava que ela tivesse assistido, pessoalmente, à noite dos sinais e trilhado os caminhos e indagado diretamente das pessoas daqueles tempos. E isto, esta minha convicção, fez da minha infância um lugar abundante de aromas e temuras.”*

Eis como Fernando Aires escreve Poesia e Verdade, sem nada ter de pedir a Goethe, porque tudo teve de sua avó Teresa – o tudo que cabe na palma da mão da ternura, o tudo que encerra o olhar suave, a mão que desliza no cabelo agitado pelo vento que sopra do mar. O tudo do tempo que passou, mas que ficou entornado em beleza de palavras semeadas por bons ventos e continua a polvilhar de aromas de infância as manhãs da Caloura:

*“Logo de manhã cedo chamei pela Linda. Queria que viesse gozar os aromas do ar aqui do terraço voltado ao ilhéu – cheiros já semiesquecidos, mistura de essências em que se notava o funcho, a madressilva, o pinho e a humidade das pedras onde cresce a erva moleirinha.”*

O Fernando vem agora de mansinho, paira sobre o jardim “para não perturbar o sono dos gerânios e dos hibiscos” nessa Caloura, lugar mítico, onde ele está agora a sorrir-nos, em forma de cheiro ou de nuvem.

**Nota: Refundição de dois textos de Teresa Martins Marques, Leituras Poliédricas, Lisboa, Universitária Editora, 2002, pp. 288-295 e 430-431.**

In <http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Fernando-Aires-em-Forma-de-Cheiro-ou-de-NuvemTeresa-Martins-Marques--.rtp&post=28599>

## **9. DANIEL DE SÁ, Post-Scriptum para os "Diários" de Fernando Aires**

Hoje a cidade amanheceu cinzenta. É seu velho hábito vestir esse hábito de quase penumbra. Que incomoda. Que amolece o gosto pela vida. Que nos tira a vontade de nos levantarmos. Hoje, a cidade voltou a vestir os seus andrajos mais frequentes, como viúva pobre em permanente aliviar luto. E não me apeteceu levantar. Na minha "Ilha de

Nunca Mais" não voltarei a erguer-me. O tempo... o tempo, para mim, agora já "era uma vez".

A notícia de que não me apeteceu levantar acinzentou de quase trevas pedacinhos de mundo aqui e acolá. Escureceu a claridade na Ponta da Galera. Arrefeceu o vento nordeste na Maia. Gelou corações em Providence ou em New Bedford, em Toronto ou Santa Catarina. Estranha sensação, esta, a de saber que eu, "uma unidade de sentimentos/ sensações", fazia parte dos sentimentos bons de tantos amigos.

Se for possível farei o possível para estar com ela, mas a Linda ouvirá sozinha a nossa música. Como eu amei esta Mulher! Como ela conseguiu ser o braço que me levantou tantas vezes em manhãs em que não me apeteceu levantar! Mas, hoje, não. Hoje tornou-se no nunca mais. Talvez tentem aliviar este insidioso luto cinzento com um cheiro a flores.

Hoje não me levantei. Não volto a levantar-me, já disse. Não me cansei da vida, nem da família, nem dos amigos. Nem sequer me cansei de mim. Mas tinha de haver este dia. O dia de nunca mais.

Até qualquer dia, companheiros.

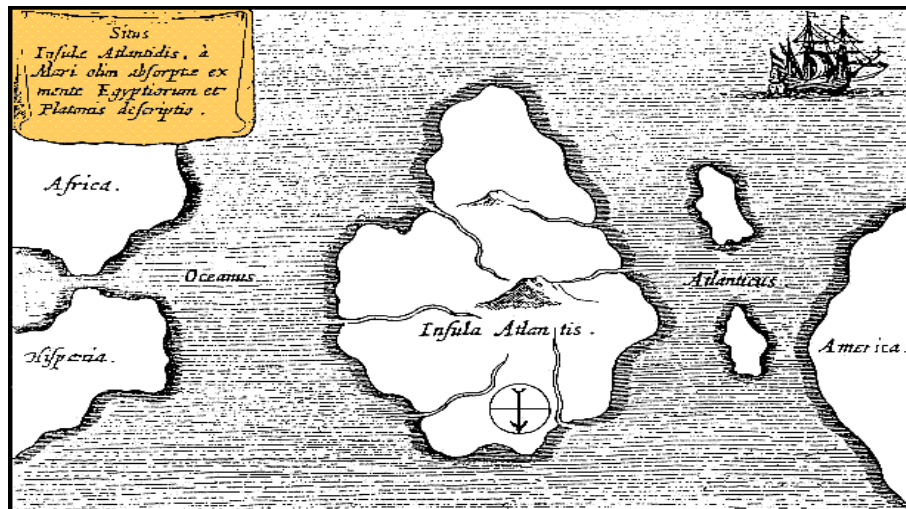
Maia, 9 de novembro de 2010,  
DANIEL DE SÁ



# Cadernos açorianos

Suplemento # 7 Edição novembro 2010

DEDICADO a Fernando Aires



Todas as edições em [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello) editou este 6º caderno

Coordenadoras **Helena Chrystello / M<sup>a</sup> do Rosário Girão dos Santos**

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde FEV.º 2009



Editado por

©™®